

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL DO

GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

ANO XVIII - N.º 71



JULHO DE 1955

C^{AS} REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

LISBOA



O FAISCA

Instantâneamente, tem a energia eléctrica de que precisa.

Um gesto fácil, um simples movimento.

Tão cómodo que não ocorre a ninguém pensar no que representa realmente este bem-estar... que já parece tão natural!

Pois esta comodidade é-lhe agora facilitada pelo 3.º escalão da Tarifa Geral Doméstica, a cinquenta centavos o kWh, em Lisboa e 60 centavos nos arredores, A PREÇO INFERIOR AO DE MUITAS CIDADES DA EUROPA.

Portanto, são horas de pôr a electricidade a trabalhar nas mil e uma aplicações dos modernos aparelhos eléctricos, que transformam a nossa vida rotineira numa vida progressiva e melhor.

Toda esta aparelhagem pode adquirir-se com grandes facilidades de pagamento a longo prazo, e terá dia e noite ao seu serviço a FAISCA, o incansável criado eléctrico.

Bem pode dizer-se que a electricidade vale mais do que custa. Ela vem modificar profundamente a vida humana, sobretudo quanto ao trabalho doméstico, que fazia da mulher uma escrava da vida caseira.

CASA DOS PNEUS

PNEUMÁTICOS E CÂMARAS D'AR IMPORTANTE SECÇÃO DE
PARA AUTOMÓVEL E CAMION ARTIGOS DE BORRACHA
ACESSÓRIOS DE AUTOMÓVEIS ALMOFADAS E COLCHÕES
RECAUCHUTAGEM · RECHAPAGEM EM ESPUMA DE BORRACHA

126, RUA DA PRATA, 132

Telef. 2 16 45

FRIGORÍFICOS DOMÉSTICOS

a electricidade, gás ou petróleo

ASPIRADORES

domésticos e industriais

ENCERADORAS

eléctricas e outras

MAQUINAS DE COZINHA

domésticas

MAQUINAS DE LAVAR

domésticas e industriais



SEDE E EXPOSIÇÃO
Rua Pascoal de Melo, 7
Tels. 5 61 15/4 linhas

EXPOSIÇÃO
R. 1.º de Dezembro, 120-B
Tel. 2 82 46

OFICINAS
GRAFICAS

Ramos, Afonso & Moita

L I M I T A D A

Composição manual e mecânica. Impressão rápida. Encadernação
Livros, Revistas, Magazines, Impressos comerciais e burocráticos
Livraria. Papelaria

R. Voz do Operário, 8 a 16

LISBOA

S. Vicente de Fora



SANTA CASA
DA
MISERICÓRDIA DE LISBOA



L O T A R I A
E X T R A C Ç Õ E S
S E M A N A I S

PRÉMIOS MAIORES

1 0 0 0 C O N T O S

1 0 0 C O N T O S

5 0 C O N T O S

Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

BERTRAND (IRMÃOS), LDA.

Fotogravura -- Fitolito

Desenho -- Tipografia

Telefs. 2 13 68 e 2 12 27
Travessa Condessa do Rio, 27

PAPELARIA CAMÕES

DE
Augusto Rodrigues & Brito
Limitada

Secções de Tipografia, Encadernação e Pautação.
Trabalhos simples e de luxo.

Pincéis, telas e tintas de óleo, para aguarela, desenho e guaches das marcas: LeFranc, Windsor, Pelikan e Schmincke

Telefone 230 63
42, Praça Luís de Camões, 43
LISBOA

CAMILO
CASTELO
BRANCO



O mais apreciado e o mais português de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras em

80 VOLUMES

CONHEÇA
LEIA
APRECIE
DIVULGUE

CAMILO

Edições da

Parceria António Maria Pereira
RUA AUGUSTA, 44 A 54
Telef. 31730 • End. Teleg. PARCEPEREIRA

OURO, PRATA E JOIAS BARATISSIMAS

Grande sortido de objectos de ouro em 2.ª mão só pelo peso

VENDE

a Antiga Ourivesaria

MIGUEL A. FRAGA, L.^{DA}

Pavilhão dos Ourives - Largo Martim Moniz, Loja 18 - Tel. 285 03 - LISBOA

ANGELO G. RAMALHEIRA

ENGENHEIRO CIVIL

Construções

Projectos de Estabilidade

Betão Armado

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E. - Tel. 493 13

LISBOA

Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º - Tel. 262 51

PORTO

OS

«AMIGOS DE LISBOA»

preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma

COMPANHIA DE SEGUROS

que honra Lisboa

Livros sobre LISBOA

PORTUGÁLIA EDITORA

Avenida da Liberdade, 13-3.º

A NOSSA LISBOA por Matos Sequeira e Pastor de Macedo	40\$00	LISBOA—JARDINS, PARQUES E TAPADAS Vol. II do «Guia de Portugal Artístico»	10\$00
A CARAVELA E OS CORVOS (O Romance de Lisboa), por Suzanne Chantal 1 vol. de 500 págs.	30\$00	LISBOA DE ONTEM E DE HOJE por Rocha Martins. 1 vol... ..	40\$00
GUIA E PLANTA DE LISBOA Edições em português, francês e inglês. Cada volume	15\$00	ESTÉTICA CIDADINA por Ribeiro Cristino. Com desenhos e vinhetas do autor. 1 vol. encadernado... ..	100\$00

Companhia Nacional de Navegação

A MAIS ANTIGA E MAIOR
EMPRESA ARMADORA PORTUGUESA
DAS CARREIRAS DE ÁFRICA

Sede

Rua do Comércio, 85
LISBOA

Sucursal

Rua Infante D. Henrique, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique» ... 13.220 Ton.	«Índia» 11.400 Ton.	«S. Thomé» 12.550 Ton.
«Angola» 18.250 »	«Timor» 11.400 »	«Nacala» 5.130 »
«Quanza» 11.550 »	«Save» 2.680 »	«Tagus» 2.320 »
«Luabo» 3.030 »	«Sofala» 18.520 »	«Agachote» 1.950 »
«Zambézia» 3.538 »	«Moçâmedes» 12.990 »	<i>Em construção</i>
«Lúrios» 3.538 »	«Rovuma» 12.990 »	«Niassa»..... 10.000 Ton. D. W.

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS
E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO

PAPELARIA CARLOS

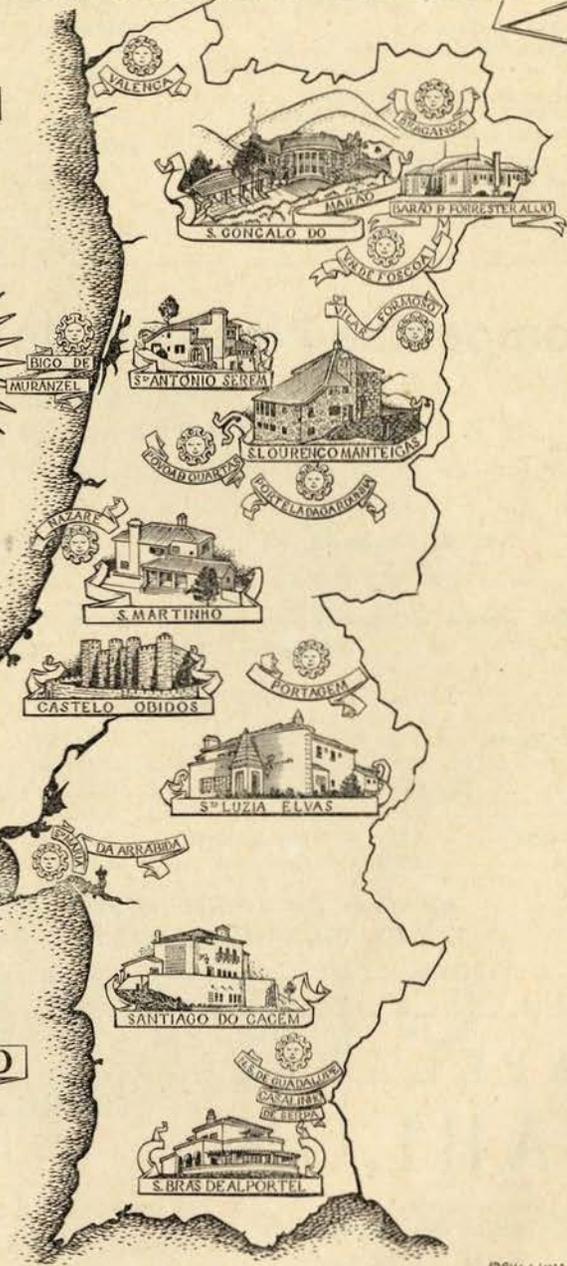
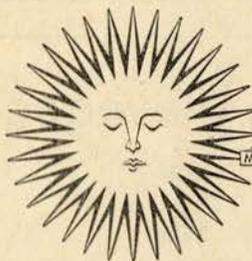
CARLOS FERREIRA, LDA.

Rua do Ouro, 34, 38
Telef. 2 02 44
Teleg. PAPELCAR
LISBOA

Especialidade em livros para
ESCRITURAÇÃO COMERCIAL
Grande sortido de artigos para
DESENHO E ESCRITÓRIO

PORTUGAL

POUSADAS
DE
TURISMO



NOVO PLANO

Oferta

27. JUL. 1988

M.

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XVIII

JULHO DE 1955

NÚMERO 71

Director: MATOS SEQUEIRA

Editor: Francisco Valença Edição e Propriedade do Grupo dos Amigos de Lisboa

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 25711

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

Direcção gráfica de Luís Moita

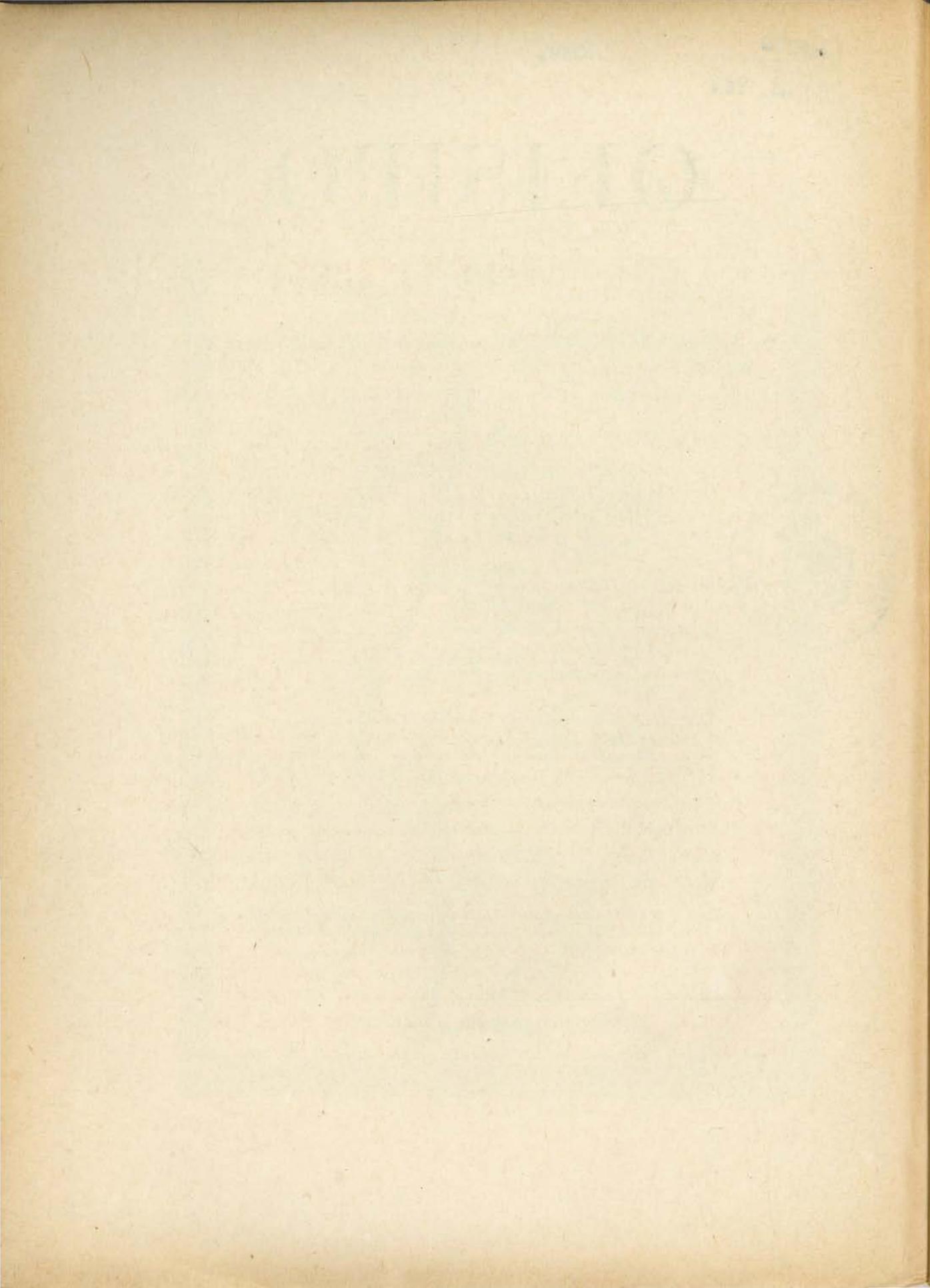


SUMÁRIO

UMA NÓTULA LISBOETA pelo Prof. Doutor <i>Joaquim Fontes</i>	93
UM CONVENTO DE S. FILIPE EM LISBOA? por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	99
A HISTÓRIA DE UM PALÁCIO por <i>Matos Sequeira</i>	101
OS VELHOS PALÁCIOS DA RUA DA JUNQUEIRA. Conferência profe- rida na Sede do Grupo "Amigos de Lisboa" em 26 de Abril de 1951 pelo seu Autor o † <i>Dr. Frederico Gavazzo Perry</i> <i>Vidal</i>	106
A PROPÓSITO DA AVENIDA DA LIBERDADE	120
ACTIVIDADE CULTURAL no Semestre Passado	123
FEIRA DA LADRA	130
Livros, edições do Grupo e dos Sócios	133
CAPA : O Miradouro de Montes Claros, que assenta onde foi o reduto da mesma denominação do Campo Entrincheirado de Lisboa - - Séc. XIX.	

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores



UMA NÓTULA LISBOETA

pelo Prof. Doutor JOAQUIM FONTES

O Dr. Félix Alves Pereira foi um arqueólogo muito distinto. Nasceu em Arcos de Valdevez, fez a sua vida em Lisboa e estudou-lhe algumas das suas antigualhas. Por isso não fica mal o seu nome nas páginas de OLISIPO.

Muito sabedor, com excelentes qualidades de observação, mais parecia naturalista do que advogado. Conservador do Museu Etnológico Português, como então se chamava ao Museu de Belém, teve que abandonar este cargo por motivo sem desculpa. Por ele o país perdeu um ótimo cientista.

Apesar do desgosto sofrido nunca se lhe apagou esta faceta do seu espírito e de tempos a tempos, publicava algum trabalho sobre arqueologia.

Em 1907, foi passar as férias grandes a Ericeira. Durante essa estadia o seu canhenho foi-se enchendo de nótulas arqueológicas e etnográficas que, mais tarde, aproveitou num excelente trabalho publicado na velha revista *O Archeologo Português*. Nele se refere à visita, que então fez, a S. Miguel de Odrinhas onde viu as lápides romanas que ali estavam abandonadas há séculos. Procurou trazê-las para o Museu de Belém. Esbarrou com a relutância dos moradores do lugarejo que não queriam que essas antigualhas saíssem de ali.

Todas as tentativas feitas foram infrutíferas. Chegou a publicar folha volante na qual explicava à população o motivo que o levava a desejar a sua recolha naquele museu do Estado. Tudo foi inútil. As lápides continuaram abandonadas em S. Miguel de Odrinhas.

O seu justo entusiasmo pelo seu valor científico é bem visível no trabalho referido.

Duma delas (fig. 1) diz mesmo que «o seu lugar há muito que devia ser num museu ou numa escola superior de estudos históricos. É um modelo epigráfico duma concisão cheia de nobreza, tal como aparece nos antigos epitáfios romanos».

Só agora foi possível evitar a destruição desses documentos. A Câmara Municipal de Sintra e em especial o seu presidente Ex.^{mo} Sr. Dr. César Moreira Baptista, deu-nos meios para podermos fazer um museu

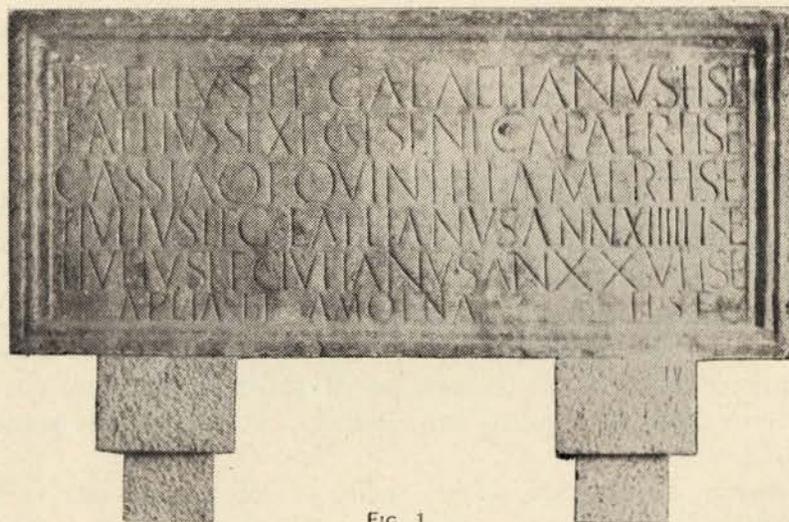


FIG. 1

local aonde ficaram a bom recato e expostos em boas condições de estudo e conservação esses documentos.

Antes jaziam na alpendrada e interior da capela do lugar; outras estavam metidas nas paredes do templo.

Sua Eminência o Cardeal Patriarca, o Ex.^{mo} Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira, autorizou a necessária remoção. Todos os louvores lhe são devidos por obra tão meritória.

Mas perguntará algum leitor onde ficará terriola possuidora de tais preciosidades. Encontra-se o povoado à beira da estrada que vai de Sintra para Ericeira.

Passadas a suas primeiras casas e à direita, quando se vai no sentido indicado, há uma estrada, devidamente sinalizada pela Câmara Municipal de Sintra, a indicar o caminho. De resto o viajante nota logo uma ermida

lá no cabeço, a ermida de S. Miguel de Odrinhas, aonde estavam, como dissemos, as tais lápides.

Junto a ela, em terreiro ajardinado e em casa construída no estilo do lugar, estão as antiguidades que foi possível guardar.

Há lápides funerárias romanas e há também restos monumentais da antiga necrópole que por ali houve.

Mas este campo santo não o foi só, enquanto imperou o paganismo. Cemitério medieval existiu no adro do templo (iamos escrever sobre-põe-se-lhe).

Para aumentar o encanto da excursão visite-se a ermida onde há estátuas medievais, como medieval é a excelente imagem de S. Miguel guardada no museu, por mutilada.

A capela é pitoresca, tem um certo ar vetusto apesar de modernizada e na face sul há, sob um arco-sólio, um velho túmulo onde foi a enterrar alguém que em Lisboa viveu, se não nasceu mesmo aqui. O cruzeiro, agora repostado, marca até onde vai a procissão que se faz em honra de S. Miguel.

As lápides funerárias romanas de S. Miguel de Odrinhas são conhecidas há muito.

Num formoso livro intitulado *Pelos Subúrbios e Vizinhanças de Lisboa*, o seu autor Gabriel Pereira diz que Morales, na sua *Crónica General de España*, publicada em 1575, se refere à lápide figurada.

Por sua vez no *Cathalogo dos Priores da Igreja de S. Miguel de Cintra*, manuscrito de 1675, existente na Biblioteca Nacional e da autoria de padre Manoel Pereira Sotto Mayor também se citam alguns documentos.

A lenda e credence populares, que cercam esses documentos, afirmam velho conhecimento da população local, historietas mais ou menos ingénuas contadas em inúmeras noites de seroadas pelos séculos fora. A que figuramos tem a sua (fig. 1). Foi servir de tabuleiro para transporte do cadáver duma rapariga pela mãe, a fim de ser enterrada em S. Miguel de Odrinhas.

Doutra diz-se ter pertencido a túmulo santo. E os crentes na lenda, iam raspando em determinado ponto da grande estela, para com o pó obtido fazer mésinha contra entidade nosológica que não foi possível identificar.

O informador fechou-se a seguir à confiança num mutismo completo, quase se mostrando arrependido do desabafo.

Dirá o leitor de OLISIPO que o artiguelho não devia ter a honra de aqui ser inserto visto que nada tem Lisboa com Odrinhas pois se nem no termo da capital fica.

Não tem razão. A velha necrópole romana deste humilde lugar saloio e até o túmulo cristão a que fizemos referência tocam-lhe de perto e vai ver porquê.

Dissemos que no museu e no terreiro ajardinado, que o cerca, se recolheram essas pedras veneráveis.

Tenha o leitor paciência e venha ver esses documentos.

Notará então que alguns dos túmulos aqui guardados são grandes monólitos. Na sua face superior há uma escavação aonde se deitavam as cinzas do morto, (os túmulos são de incineração). A identidade é dada pela respectiva inscrição. Encimando esses monólitos (fig. 2), collocavam as lages bem ornamentadas.

O monumento assentava sob uma base de pedra como algumas que estão expostas no ajardinado referido.

E agora aqui vai a explicação do artiguelho ter tido a honrosa hospedagem em OLISIPO.

Em muitas das inscrições de Odrinhas está a palavra Galéria a dizer-nos que esses cidadãos romanos pertenciam a esta tribo (uma das 35 divisões administrativas dos romanos). Ora a ela «pertenciam, quase na generalidade os cidadãos olisiponenses, e não os da própria capital da lusitania, *Emérita*, conforme nos diz Alves Pereira.

Não é este o único motivo justificativo da publicação do arrazoado neste lugar. Outro há a justificá-lo.

Dissemos que junto à capela de S. Miguel de Odrinhas e sob o arco-sólio, que se vê na fig. 3, se enterrara alguém que viveu em Lisboa e nela teve cargo, especificado na lápide que encima o seu túmulo. Ali se diz que esta foi a última morada de *Fernão Reganha o velho e seus erdeiros*. Foi o seu bisneto Fernão Anes quem lhes prestou esta homenagem.

É escrita em gótico minúsculo e Alves Pereira diz que deve datar do século XIV.

Segundo a leitura feita por este autor a lápide conta o seguinte:

SEPULTURA DE FERNÃO REGUENHA
O VELHO E DE SEUS ERDEIROS FER
NÃ DE AÑS SEU BYSNETO E PESADÕ
DA CIDAD D LXBOA AMÃDOU FÃZ.

Alves Pereira supôs que o cargo que a lápide insere seria o de presador, que significa, segundo o dicionário de Moraes, apreçador. O Prof. Marcelo Caetano, que se dignou assistir à inauguração do Museu de Odrinhas, diz não conhecer tal cargo em tais épocas, e é bem conhecida

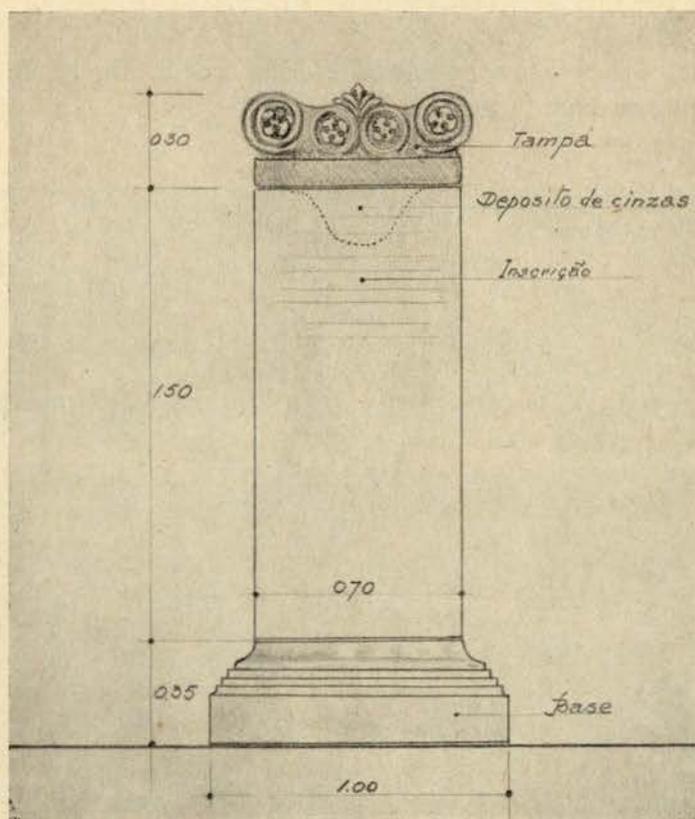


FIG. 2 — Reconstituição dum mausoléu a S. Miguel de Odrinhas

a alta competência deste cientista nestes assuntos. Os epigrafistas que estudem o caso e que decidam.

Porque vieram sepultar-se aqui o velho Reguenha e seus herdeiros? Teriam propriedades para estes lados? Onde habitariam?

S. Miguel de Odrinhas e Faião (povoação muito próxima) existiam já em épocas longínquas.

A afirmativa quanto à primeira tem nas antigualhas encontradas a necessária demonstração. A última é conhecida já no século XIV, segundo um velho livro.

Aqui tem o leitor justificada a hospedagem de OLISIPO. A notícia aí fica. Os arqueólogos e historiadores que indaguem o resto, se é que o assunto merece as penas que estas coisas dão.

Uma última notícia a propósito do Museu de S. Miguel de Odrinhas interessa a nossa querida cidade.



FIG. 3

Aquela instituição foi inaugurada no dia de Santo António (13 de Junho de 1955), por S. E. o Sr. Cardial Patriarca, que diz honrar o concelho de Sintra de maneira muito particular.

A este acto assistiu uma delegação do nosso «Grupo», composta pelos Ex.^{mos} Srs. Dr. Eduardo Neves, Hugo Raposo e José Francisco de Oliveira.

Mais uma vez Lisboa e Odrinhas se encontraram neste mundo.

Um Convento de S. Filipe em Lisboa?

por ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

EM 1806 era prior da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, restrita à área ocupada pela Torre de S. Julião da Barra, o padre Manuel António Simões.

A igreja paroquial, restaurada em 1710 e hoje substituída por uma capela de traça moderna, tinha quatro altares. O altar-mór, além do Sacrário, ostentava no trono uma majestosa imagem de Nossa Senhora da Conceição e em nichos laterais as de Santo António e de S. Julião. Em cada um dos três restantes altares figuravam, também em seus nichos, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição tida como milagrosa, uma do Santo Crucifixo e outra de Santa Bárbara. Na paróquia tinham sede duas irmandades: a de Santa Bárbara, dos artilheiros, e a da Padroeira que era dos soldados.

Ora, no referido ano, adregou o padre Simões encontrar um velho livro de assentos, todo escrito em língua castelhana. Certamente com o louvável intuito de que se não perdesse o conteúdo de tão curioso documento, já em mau estado de conservação, decidiu trasladá-lo para um caderno vertendo-o, ao mesmo tempo, na nossa língua.

Vimos este último documento no Arquivo Histórico Militar e, antes de dar nota de um pormenor de interesse olisiponense com que no mesmo deparámos, dele vamos fazer uma breve descrição.

Trata-se de um caderno em papel azulado, reunidas as folhas por uma costura a linha grossa, e relativamente pouco volumoso. Está muito mal conservado e quase a desfazer-se, visivelmente por acção da humidade. Algumas páginas incompletas, o que torna impossível a sua leitura integral, e outras manchadas. Caligrafia razoável.

Começa por conter a justificação do traslado, assinada pelo padre Simões, e inclui as seguintes notas, respectivamente, inicial e final e que podemos considerar como termos de abertura e de encerramento.

Diz a primeira:

«Ao aqui principio os batismos em a Igr^a do Castelo de S. Julião desde o ano passado de 1588 que até então não acho escritos nem uns nem outros em livros nem fora deles. O dito senhor Pedro Viegas de Cordova (comendador e do Conselho de Guerra de S.M.^a neste reyno de Portugal) julgou não haver cura nem capelães proprios em a dita Igr^a como está referido em este e no outro livro abaixo.»

A segunda reza:

«O que tenho dito em esta folha foi por ordem do senhor P. Viegas que tendo-a visto a 7 do mes de Outubro de 1595 annos afirmou de sua mão e nome em a presença do capitão Salamanca, seguem-se os nomes F^{co} de Ortega, Martin Movino e José Branco.»

Os assentos de batismos tem início em 1588, seguindo-se 1591, 1593, 1594, e 159... Os de casamentos de 1593 e 1594 e os de óbitos de 1590 até 1593. Todos assinados pelo licenciado Diogo Bustos, cura. Em 1591 era capelão da fortaleza o licenciado Martin Movino.

O primeiro baptismo registado é o de um filho do governador da praça Pedro Viegas de Córdoba e de sua mulher D. Catarina F. de Córdoba, o qual recebeu o nome de Alberto. Foi padrinho o príncipe-cardial Alberto, legado «a latere» e governador do reino. A cerimónia realizou-se em terça-feira, 29 de Março de 1588.

Em 1591, mas em data impossível de determinar por falta de um bocado na folha que contém este assento, consta ter sido baptisado um outro filho do mesmo governador da Torre. Chamou-se António e dele «foi padrinho o irmão Miguel, religioso leigo morador no Mosteiro de S. Filipe de frades, calçada do Carmo em Lisboa».

Desconhecíamos ter existido tal mosteiro na Calçada do Carmo e a ele não tínhamos encontrado, até agora, qualquer referência. Será de admitir erro do padre Simões? Não nos parece de aceitar tal hipótese, tão circunstanciada e claramente é apresentada a identificação do religioso e a do seu domicílio.

Convento cuja existência, no tempo do domínio castelhano, tenha sido curta ou, apenas, simples recolhimento ocasional? Mas, onde se situava exactamente? Prova da sua origem castelhana é, sem dúvida, a designação de «S. Filipe» semelhante à escolhida para o castelo mandado levantar em 1590 junto de Setúbal por Filipe II e de que foi arquitecto Filipe Terzi.

Outra nota. Em *O Carmo e a Trindade*, no vol. I e a pág. 320-A, apresenta-nos Matos Sequeira uma planta, referida ao final do século XVI, e em que a Calçada do Carmo ainda figura com a designação de «Rua da Portaria do Carmo».

Do caderno a que nos vimos referindo é possível extrair uma outra conclusão que julgamos igualmente interessante. E é a de que já em 1588 existia a igreja na Torre de S. Julião da Barra sendo, portanto, de presumir que a mesma tenha sido levantada a quando das grandes obras de ampliação ali levadas a efeito em período anterior ao do domínio filipino.

A HISTÓRIA DE UM PALÁCIO

por MATOS SEQUEIRA

Nos bons ou maus tempos, em que se andava a dois quilómetros à hora nos pachorrentos coches que os Filipes para cá trouxeram, e cuja moda pegou, como a dos sorvetes e do vestuário negro, um fidalgo de tomo, Fernão Álvares da Cunha, instituiu, na Igreja de Santa Maria da Vitória, uma capela-morgado, dedicada a Santo António, encabeçada no seu palácio às Chagas. A ela estavam adstritos vários bens em Lisboa, nos seus arredores e no Ribatejo, casas, casais, olivais, quintas e quintais; mas a propriedade de maior categoria era o tal palácio, edificado em terrenos do Cabido de Lisboa, grande senhor desta zona da cidade. Ficava o solar cidadão dos Cunhas, da Tábua, situado na Rua Direita das Chagas, esquinando para a Rua do Vale das Chagas (actual de Duarte Belo), Rua do Loreto e Travessa do Sequeiro. Foi isto em fins do século XVI, e do morgado assim instituído, por ele e por sua mulher Joana Vaz, filha do capelão fidalgo dr. António Vaz, partilhava também Ana da Cunha, irmã de Fernão Álvares, casada com o seu parente Lourenço Vaz da Cunha.

A casa nobre dos Senhores da Tábua era uma das grandes edificações que se firmavam na antiga Herdade da Boavista que, no princípio do quinhentismo, se começara a escortanhar em ruas. Criara-se um novo bairro citadino em derredor do Pico de Belver, pico acuminhado que, em 1597, se sumiu pela terra dentro, dando origem aos altos das Chagas e de Santa Catarina, e à cava violenta da Rua da Bica de Duarte Belo.

Como se desenraizou da linhagem dos Cunhas o antigo palácio, ignoramo-lo. O morgado, esse permaneceu na mesma linhagem, embora decepado da solarenga cabeça. Em 1792 administrava-o ainda D. António

Álvares da Cunha, e passou depois à posse dos Condes da Cunha, em cujo arquivo — hoje na casa de Pintéos — colhi estes pormenores. Na corrente do século XVII a casa nobre das Chagas passara à posse de João de Barros Cardoso e de sua mulher D. Brites Francisca de Albuquerque, não sabemos porque bulas. Eram gente boa e de dinheiro estes Barros Cardosos. O pai do novo proprietário fora Comendador de Cristo e Tenente da Torre de S. Julião da Barra; o bisavô fora para o Brasil com o governador Tomé de Sousa e fora lá Feitor da Provedoria Real. Voltara rico. O avô servira em Tânger e fora também Comendador de Cristo, e um tio avô — Cristóvam de Barros Cardoso — chegara a tomar conta do Governo do Brasil, tendo servido anteriormente de Provedor da Fazenda Real. Estes fidalgos residiram na casa das Chagas bastantes anos, mas, ignora-se porquê, venderam-na mais tarde, por vinte mil cruzados, a D. Francisco de Lima, General da Armada e Governador de Moçambique, que nessa altura estava preso no Castelo de S. Jorge, e que também adquirira outras propriedades como a quinta das Beírolas e vários juros, bens estes com que instituiu uma capela no Convento dos Capuchos de Ponte de Lima, em 18 de Fevereiro de 1672, desanexando o palácio das Chagas do morgado de Santa Maria da Vitória, e sub-rogando-o por duzentos mil réis de juro. À hora da morte (a pedido de sua mulher — D. Isabel de Sousa e Castro), doou-o à Misericórdia de Lisboa.

Pouco tempo o teve em seu poder a Santa Casa. Em 22 de Setembro do mesmo ano, obtida a devida autorização real, por se tratar de bens vinculados, foi posto o palácio das Chagas em hasta pública. O Porteiro das Arrematações (era assim que se chamava então ao Pregoeiro) deu o ramo, como era também costume, a D. Francisco Barreto, Comendador de Cristo, Conselheiro de Guerra, Fidalgo da Casa Real e Presidente da Junta do Comércio, que oferecera o lanço de 11.000 cruzados. Fez-se a escritura em 12 de Dezembro, e o comprador passou a residir no palácio.

Por sua morte, herdou a casa sua filha, D. Francisca de Távora; desta passou a sua mãe, D. Margarida Juliana de Távora, que já então estava segunda vez casada com D. Pedro Mascarenhas, Conde de Sandomil. O antigo prazo de Cabido, acrescentado com mais três casas contíguas que D. Francisco Barreto comprara a Miguel Rebelo, Contador da Fazenda das Sete Casas, descrevia-se assim em 1672: «Casas nobres na rua direita da Calçada do Combro, junto às Convertidas, defronte das quais tem a serventia com seu pátio, e janelas para a Rua Direita, que correm

desde o canto da Travessa das Convertidas até à rua que serve para a Rua de Duarte Belo».

Quando o palácio estava na posse da filha e da viúva de Conde de Sandomil, na tarde de 27 de Maio de 1709 (quarta-feira de Trevas), toda a parte do edifício que voltava para a Rua das Chagas ruiu estrondosamente. As pedras, a caliça e os entulhos do desmoronamento obstruíram a entrada deste arruamento, em frente do Recolhimento das Convertidas, chegando os destroços do velhíssimo solar dos Cunhas a ocultar as vergas das portas daquele edifício de beneficência. Nessa ocasião residiam no palácio uns estrangeiros, mas não houve vítimas. Segundo o memorialista que refere estes factos, a casa nobre, que pouco depois mudaria de dono, estava «muito remendada».

A filha de Francisco Barreto e a mãe — as duas Távoras — tinham deixado a sua fazenda muito endividada, e uma das dívidas, de vinte mil cruzados a juros, era a D. Antónia Maria Francisca de Sá, Condessa do Rio Grande, a qual tinha acarretado a hipoteca do palácio. Nestes termos o Conde de Sandomil por duas escrituras, de 2 de Setembro de 1698, viu-se coagido a vender o velho solar dos Cunhas, senhores da Tábua, tanto mais que havia outra quantiosa dívida (vinte e um mil cruzados a juro de seis e um quarto por cento) a Belchior Félix Rebelo, sobrinho do Miguel Rebelo que vendera as casas a D. Francisco Barreto em 1673. A compradora foi Eugénia Maria Soares, viúva do citado Belchior Félix Rebelo, que ficou obrigada ao pagamento dos vinte mil cruzados à Condessa do Rio Grande, no prazo de um ano com juros garantidos pela hipoteca. A escritura foi feita em 1737, tendo o Cabido, como senhorio directo, dado licença para a venda. D. Pedro Mascarenhas, conde de Sandomil, estava então na Índia, para onde fora como Vice-Rei, e dera procuração para a efectivação da venda, em 30 de Dezembro desse ano.

Os novos proprietários eram gente abonada. A família de Eugénia Maria Soares tinha bastos cabedais e avaliava-se a sua fazenda em mais de duzentos mil cruzados. A compradora, que já partilhara dos bens do seu primeiro marido João de Quinhones, Selador Mor da Alfândega, acrescentara-os com o segundo casamento, dado que os Rebelos eram grados proprietários às Chagas e no Bairro Alto. São de prever benfeitorias na casa nobre cuja história se está desfiando. Eugénia Maria Soares era a primeira administradora de um grande morgado instituído por seu pai, António Henriques, lisboeta enriquecido no Brasil e falecido em

Lisboa em 1725. O prazo antigo dos Cunhas, com os seus quartos altos e baixos, lojas, cavalariças, palheiro, cocheiras, quintal com poço de nora e mais as casas que tinham sido de Miguel Rebelo, entrou em fase de melhorias, continuadas pelo filho do primeiro casamento de Eugénia Maria Soares, Francisco José de Quinhones de Matos Cabral, Selador Mor da Alfândega como seu pai, Familiar do Santo Ofício e Cavaleiro de Cristo.

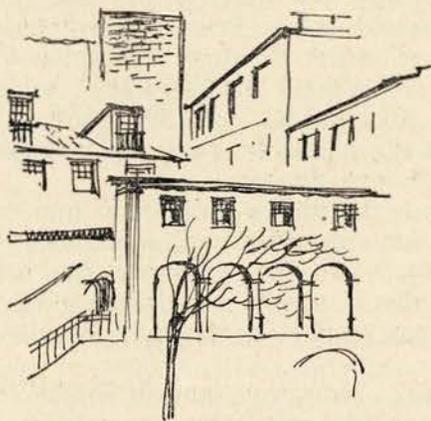
Este Quinhones, que morava a S. Sebastião da Pedreira, casou com D. Francisca Damiana Teodora Guedes Castelo Branco, filha de Francisco Guedes de Vilhegas, senhor da Casa do Moinho de Abelheira, no Tojal, e de D. Joana Antónia Travassos, de Benfica. Destes foi filho José Guedes de Quinhones Castelo Branco, pai de António de Quinhones de Matos Cabral, que vendeu o palácio das Chagas ao Visconde das Fontainhas. Foi, ao que parece, no tempo destes proprietários que as salas do andar nobre se decoraram com os belos tetos pintados que ainda agora as enriquecem, no estilo das obras de Pedro Alexandrino.

O Visconde das Fontainhas, por seu turno, vendeu a propriedade fidalga das Chagas, em 1876, ao conselheiro Joaquim Pires Júnior. D. Henriqueta Pires, filha e herdeira deste, vendeu-o depois a seu primo João da Cruz Gonçalves. A seguir passou às mãos, por compra, da Sociedade de Administrações, que veio a vendê-la ao comerciante Carlos Silva. A actual proprietária é a filha deste, D. Maria José da Silva.

Desde que o palácio deixou de ser residência fidalga e passou ao inquilinato, a começar na posse dos Quinhones de Matos Cabral, alguns moradores de tomo o habitaram. Onde hoje o Clube dos 100 à Hora faz as suas reuniões e conferências — é este o actual inquilino do andar nobre — agitaram-se vultos e sombras de que ficou memória nos ecos, acumulados nos recessos dos tetos dos salões aquecidos pelos pincéis dos artistas românticos do tempo. Um dos habitadores do solar lisboeta dos Senhores da Tábua, dos Limas, dos Barretos, dos Mascarenhas, que o encheu mais de recôrdações, foi o Ministro de Espanha em Lisboa, de 1870 a 1872, D. Angel Fernandez de los Rios, que alugara o palácio aos Quinhones. Entre outras festas, em que o comissionado do General Prim procurava disfarçar os seus intuitos diplomáticos, tingindo-os de assembleias meramente literárias, avultou a reunião literária de 31 de Março de 1871, em que Castilho foi ler na grande sala de honra a sua versão do «Fausto» de Goethe, e em que — homenageado o poeta — o adido da Legação Calvo Ascêncio, recitou a tradução que fizera dos «Cíumes

do Bardo». D. Angel Fernandez dos los Rios tentava assim pacificar os espíritos que andavam alterados com a política mundial. A Comuna imperava em França. Soprava um ventinho de terror nas cortes europeias. O nosso D. Fernando II desinteressara-se do trono de Espanha que fora oferecido a Amadeu de Saboia, e era preferível a poesia e a literatura, saboreadas com doces, refrescos e aquele chá patriarcal, tão diferente em tudo dos «cocktails» de agora.

O palácio das Chagas, onde se agremiam, neste ano de 1955, os automobilistas dos «100 à Hora», na sua fisionomia nobre de pousada de outros tempos, contou-nos a sua História, com aquela voz entaramelada de velho, entremeada de falhas de memória. Do que ele decerto não se esquece é da sua nascença entre hortejos e olivais, à margem da estrada de Santos, na velha Herdade do Cabido de Lisboa, que se entremeava, no século xv com o domínio rural do judeu Astrólogo Guedelha Palançano, o que dissera a D. Duarte que não se sentasse no trono de Portugal, antes que os astros o aconselhassem.



OS VELHOS PALÁCIOS da RUA DA JUNQUEIRA

Conferência proferida na Sede do Grupo "Amigos de Lisboa" em 26 de Abril de 1951 pelo seu Autor, o

† DR. FREDERICO GAVAZZO PERRY VIDAL

(Conclusão)

Já indiquei a V. Ex.^{as} alguns moradores da bela Casa-Nobre, entre eles o célebre Cardeal D. João Cosme da Cunha, que tudo devendo, até o cardinalado, ao Marquês de Pombal, foi quem deu a este o primeiro pontapé, no próprio dia em que El-Rei morreu. Pombal, era, como toda a gente sabe, o Mordomo-Mór e, assim que soube do passamento do Rei D. José, dirigiu-se para o Palácio de Madeira, na Ajuda, residência do Monarca. Ao chegar, o Cardeal embarga-lhe o passo, dizendo-lhe com acrimónia:

«— Sua Magestade acaba de falecer e por esse motivo V. Ex.^a já não tem aqui nada que fazer.»

Bem cedo, por certo muito mais cedo que o terrível Ministro suspeitava, tangia a hora da desgraça, e badalada por uma pessoa a quem ele alçapremara, e era tão ignorante, que dele se dizia ter em casa as «onze mil virgens», alusão satírica ao número de obras da sua biblioteca que ele nunca se dera ao trabalho de abrir, nem de folhear, uma só delas sequer.

Muito mais tarde comprou aquele lindo imóvel o primeiro Visconde do Marco, casado com uma das muitas filhas dos Condes de Burnay, recentemente falecida, tendo o Visconde morrido naquela casa, em 29 de Junho de 1936.

A casa ficou então desabitada, vindo por fim a fazer-se ali um leilão de livros, com um catálogo, que foi a coisa mais extraordinária, leilão que, mercê desse catálogo, não pôde chegar ao fim. Depois vendeu-se uma parte da casa e outra ficou na posse da família do falecido Visconde, até que, há muito pouco tempo, feitas umas

obras, para ali foi viver o meu velho amigo Sr. Lopes Joly, datando dessa ocasião as horríveis gelosias pretas, com que a casa foi dotada. Pouco tempo ali viveu aquele senhor fazendo-se um leilão de muita coisa boa, estando agora a casa de novo toda em obras, com as tais horríveis gelosias pintadas de creme.

«Logo a seguir, digo eu quando me refiro à vista panorâmica acima aludida, assinalam-se como moradia da Condessa da Ega, umas casas sobre a mesma estrada e do mesmo lado. Esta Condessa da Ega era então a ex Vice Rainha da Índia, D. Ana Ludovina de Portugal..., que só veio a falecer a 4 de Fevereiro de 1790. Seu marido o primeiro Conde da Ega, Manuel de Saldanha Albuquerque, que nascera a 30 de Dezembro de 1707 e faleceu a 6 de Dezembro de 1771, na Junqueira, era filho segundo de Ayres de Saldanha e Albuquerque Coutinho Corte Real, Senhor de toda a Casa, Governador e Capitão-General do Rio de Janeiro e Gentilhomem da Câmara do Infante D. António, casado com D. Maria Leonor de Moscoso (filha dos quintos Condes de Santa Cruz), e irmão do primogénito, António de Saldanha e Albuquerque, Senhor de toda a Casa e Comendas, Gentil-homem da Câmara do Infante D. Manuel, Académico de número da Academia Real da História, Deputado à Junta dos três Estados, faleceu sem geração...

Naquela época estava o primeiro Conde da Ega no apogeu da sua fortuna, governando a Índia, mal sabendo o que lhe prepararia para o futuro o seu amigo da véspera, que tanto o alçapremara, o Ministro todo-poderoso, Sebastião José de Carvalho. Efectivamente o 1.º Conde da Ega, senhor de toda a casa e comendas por morte de seu irmão mais velho, foi Gentil-homem da Câmara do Infante D. Manuel, Governador e Capitão-General da Ilha da Madeira, Alcaide-Mór de Guimarães e de Soure, e Vice-Rei da Índia, sendo agraciado com o título de Conde por Decreto de 25 de Março de 1758, ano em que foi governar aquele Reino. Ali, foi guerreiro, conquistador e diplomata, agradando a Pombal pela execução das ordens recebidas contra os padres da Companhia de Jesus. Intrigas porém lá tecidas e outras da Corte fizeram decair o valido, que foi exonerado, mandado voltar a Lisboa, e detido ao chegar, sendo conduzido à Torre do Outão. Depois de preso mais de dois anos, dos quais vinte meses no segredo, pediu que o soltassem por estar doente e quase cego, o que conseguiu em fins de 1768. Só depois da sua morte pôde ser reabilitado, a instâncias de sua mulher, que promoveu sempre o andamento do processo, proferindo a Relação de Lisboa sentença absolutória em 26 de Janeiro de 1779.»

Essas casa eram a vasta propriedade, ou série de propriedades, separadas por um lindo chafariz construído em 1821, que ainda hoje pertencem à família Lamas, cujo apelido próprio ignoro, pois me disse o meu amigo Sr. Dr. Artur Lamas, de que já falei, que aquele apelido foi adotado por seu pai o Senhor José Lamas, por ser natural de Lamas de Orelhão, pessoa muito estimável e instruída que organizou uma esplêndida colecção mumismática, que seu filho aumentou até à proclamação da República, e que amavelmente me mostrou, há já muitos anos.

Segue-se um pequeno portão de ferro com as letras C. M. L. que indica a passagem ali do Rio Seco. Vem depois o imóvel que, metido num jardim, com um belo portal férreo sobre a Estrada, é a habitação de Diogo de Mendonça. Uma vez mais remetemos o curioso para o trabalho do Sr. Dr. Artur Lamas que, sobre este belo imóvel publicou um outro folheto curiosíssimo e do maior interesse, histo-

riando a bela casa de Diogo de Mendonça Corte Real. Em 1763, sendo essa propriedade do infeliz ministro D. José deportado para Mazagão, habitavam a casa seu meio-irmão, D. João Pedro de Mendonça Corte Real, com sua mulher, D. Domingas de Saldanha (da casa dos Morgados de Oliveira, e a filha única de ambos, D. Maria Francisca de Mendonça Corte Real, mais tarde mulher de D. João Pedro da Câmara, membro do Conselho Ultramarino, com geração até ao presente.

Aquela deliciosa mansão, talvez a mais bela e opulenta de toda a Junqueira, tem história larga, que aqui não vamos fazer.

Diremos apenas que em certa data que ignoramos esta bela propriedade foi adquirida por José Dias Leite de Sampaio, nascido em 4 de Janeiro de 1804, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Comendador das Ordens de Cristo, da Conceição e de Carlos III de Espanha, Tenente-Coronel honorário do Esquadrão de Cavalaria Nacional de Lisboa, Adido Honorário de Legação, Deputado, Contratador das Saboarias e do Tabaco, falecido a 23 de Dezembro de 1870, casado em 21 de Fevereiro de 1835 com D. Emília Angélica Monteiro, que nasceu em 29 de Setembro de 1818, falecida em 17 de Janeiro de 1878, filha de Francisco José Gomes Monteiro e de D. Maria Angélica de Basto. Foi feito Barão da Junqueira por Decreto de 8 de Novembro de 1843 e elevado a Visconde da Junqueira, por Decreto de 7 de Outubro de 1851.

Deve ter sido este titular que mandou colocar as duas águias nos portões com uns ésses no peito, parte hedrállica do braço dos Sampaio.

Deixou uma filha, D. Emília Angélica Monteiro de Sampaio, que veio a casar com José da Paz de Castro de Seabra, que foi feito, 1.º Conde da Junqueira, por Decreto de 9 de Abril de 1874, nascido em 18 de Março de 1840, Doutor em Filosofia pela Universidade de Atenas, adido honorário à legação de Portugal em Berlim, Comendador das Ordens de Cristo e da Conceição, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real e proprietário, que casou com a aludida senhora a 23 de Janeiro de 1867, a qual havia nascido em 15 de Abril de 1894, ignorando em absoluto se terá havido geração deste casamento. O que sabemos mais é que chegou a estar na posse deste belo imóvel o Senhor D. José Morales de los Rios, casado com uma outra filha dos 1.ºs Condes de Burnay, e, pouco depois, o Sr. Dr. Pocariça, com uma filha do qual é casado o Sr. Dr. Fausto Lopo de Carvalho, actual possuidor daquela linda casa.

Ultrapassada a Calçada da Boa Hora temos logo um outro palácio, que sempre tenho visto desde que me entendo pintado de cor de rosa com um andar e seus altos e, ao lado um grande jardim, a altura do primeiro andar, com lojas por baixo, que dão a ideia de terem sido as antigas cocheiras. Foi, segundo o meu amigo Sr. Sampaio Ribeiro, começada a construir em 1744 pelo francês José Ricord, cirurgião-mór, do Exército, que três anos depois deixou o imóvel

a seu filho, legitimado por D. João V, também chamado José Ricord, e igualmente médico, que antes de três meses passados vendeu a propriedade a Manuel de Faria Monteiro, que ali viveu muitos anos. Depois foi o prédio de uma viscondessa de Barbacena e sei que, haverá talvez uns setenta anos, foram para ali morar os Senhores Condes de Tarouca, onde nasceram parte dos seus catorze filhos, sendo há já bastantes anos propriedade do Sr. João de Macedo de Barros que ali vive com sua família.

Ora estamos chegados à melhor, mais rica e ampla propriedade de todo este sítio, a grande casa dos Saldanhas de Albuquerque, cuja quinta se estende pela encosta acima, alcançando a certa altura pelo poente, a Calçada da Boa Hora. Na frente um grande gradeamento, com o seu elegante portão ao centro, tudo em ferro. Dos lados, dois torreões, muito belos, que o Sr. Mário de Sampaio Ribeiro chama «duas merendeiras» e mais parecem dois jazigos de família, e que, quando este Senhor escreveu o seu trabalho estavam entaipados. Eu lembro-me deles abertos como estão de novo agora.

«... tudo isso... era afinal o núcleo central do grande morgadio da Junqueira, instituído por Aires de Saldanha, Capitão de Tânger, Comendador da Sabacheira da Ordem de Cristo, Capitão de Malaca e Vice-Rei da Índia, casado com D. Joana de Albuquerque, filha de D. Manuel de Moura, Morgado de São João da Praça.

Ali se notam, digo eu no meu trabalho já aludido, no meio da quinta, as várias partes do palácio, entre elas a que tem o telhado em torreão embandeirado, que ainda hoje se conserva, mais ou menos como então seria, conhecida por «Sala dos Marechais», e que deveria ter sido uma das mais belas quadras, digna de se admirar, sobretudo em propriedades particulares da nossa capital, nos séculos XVII, XVIII e parte do XX, antes que tudo caísse em ruínas, apesar do palácio estar desmantelado há muito, ainda me lembro de nesse esplêndido salão ver a formosa estátua de Apolo e os lindíssimos cinco lustres que hoje, só por si constituiriam uma fortuna.»

Refere o Padre Carvalho da Costa, na *Corografia Portuguesa...*, segunda ed. Braga, 1869 T. III, pág. 451; que as casas desta propriedade, com entrada pelo Pátio do Saldanha como se refere o Sr. Mário Ribeiro, eram

«... magestosas, divididas em três quatuos, com duas varandas, um jardim no meio e outro no quarto de baixo, com muitas fontes artificiais e nativas cujas águas regam vários pomares de todo o género de fruta.»

Foi ali que esteve residindo o Marechal Junot quando do mandado de Napoleão vinha conquistar Portugal; foi ali que Junot deu o célebre beija-mão em nome do Imperador na Sala do Trono, cujos restos de seda azul, ainda me lembro de ver, e foi ali também, que, refastelado sob o lindo pinheiro manso do jardim, ditava as suas ordens aos Generais.

Falámos há pouco dos primeiros Condes da Ega.

Agora falamos dos segundos: Aires José Maria de Saldanha de Albuquerque da Cunha Mattos e Noronha, 2.º Conde da Ega,

Gentil-homem da Câmara da Rainha Dona Maria I e del-Rei D. João VI, Alcaide-Mór das vilas de Soure e de Guimarães, Moço Fidalgo com exercício na Casa Real, Comendador de S. Salvador de Elvas, de S. Martinho de Lagares (no Bispado do Porto), de Santa Maria da Sabacheira, na prelazia de Tomar, de Santa Maria de Castro Laboreiro, de Tomé de Alencarce na Vila de Soure, sucessor dos bens da Capela da Coroa, sita em Valada, e instituída por D. Isabel Lobata, no Convento de S. Francisco da Vila de Santarém; Deputado da Junta dos Três Estados; Inspector-Geral dos Provimientos do Exército; Embaixador em Madrid, sucedeu na casa de seu Pai a 6 de Abril de 1771. Casou 1.^a vez em 5 de Março de 1786, com D. Maria do Carmo Xavier de Almada, que nasceu a 22 de Outubro de 1761 e morreu a 8 de Novembro de 1795, com geração.

Casou 2.^a vez a 9 de Fevereiro de 1800 com D. Juliana Maria Luísa Carolina Sofia de Oyenhausem e Almeida, Condessa de Oyenhausem Gravenburgo, na Áustria, que nasceu em Viena a 1 de Setembro de 1784, filha de Carlos Augusto, Conde de Oyenhausem Gravenburgo e do Sacro-Romano Império, do Conselho da Rainha D. Maria I e Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário na Corte de Viena, Tenente-General do Exército Português, Inspector da Arma de Infantaria, casado com D. Leonor de Almeida Portugal, Dama de Honor da Rainha D. Carlota Joaquina, da Infanta Regente D. Isabel Maria e da Rainha D. Maria II, 6.^a Condessa proprietária de Assumar e 4.^a Marquesa, também proprietária, de Alorna; da qual não houve geração.

Ora foi esta Senhora D. Juliana, 2.^a mulher do 2.^o Conde da Ega quem electrizou o representante de Napoleão, aquela a quem o povo se referia numa quadra licenciosa que começava assim:

«A Condensinha da Ega
Que é tão linda como o sol
.....».

E lá seguiu para França, após a Convenção de Sintra, com o amante infeliz, donde cremos nunca mais voltou, pois alguns anos depois contraiu 2.^o casamento (certamente depois de 1827 que foi quando enviuvou) com Gregório Alexandre Iromvich, Conde de Strognoff na Rússia, que morreu em S. Petersburg, a 14 de Janeiro de 1857, morrendo ali a Condessa, velha e decrépita, a 14 de Novembro de 1864.

A geração dos Condes da Ega seguiu pelos filhos do 1.^o matrimónio do 2.^o Conde.

O 3.^o Conde foi D. Manuel de Saldanha ainda em vida de seu pai, pois diz Silveira Pinto que morreu ainda infante, em 1802, tendo nascido em 10 de Outubro de 1799.

O 4.^o Conde, irmão do 3.^o, foi D. Antão José Joaquim, Par do Reino, Veador da Rainha D. Carlota Joaquina, etc.; Capitão de Cavalaria que morreu em Lisboa, a 29 de Abril de 1855, tendo casado a

22 de Junho de 1819 com D. Maria Madalena de Azevedo, 3.^a filha dos 1.^{os} Viscondes do Rio Seco, de quem não deixou geração.

E assim passou a representação da Casa para a irmã primogénita destes dois Condes, D. Violante Maria, que nasceu a 22 de Abril de 1788 e morreu a 22 de Março de 1843 tendo casado em Inglaterra com Tomás Henrique de Stattmiller, que morreu a 2 de Junho de 1847. Houve ainda uma outra senhora, D. Leonor Ana que morreu em França em 1827, tendo casado com o Conde e Marquês do Choiseul Beaupré, Comendador da Ordem de S. Luís, Marechal de Campo e Major-General da Guarda do Rei Carlos X, de quem teve duas filhas.

De Violante Maria, casada como vimos com o inglês Stattmiller, nasceram quatro filhos: José Maria, Manuel José, José Joaquim e D. Maria José. José Maria que nasceu a 12 de Julho de 1823 e faleceu em Lisboa a 19 de Março de 1869, foi tenente de Cavalaria, e casou a 16 de Novembro de 1848 com D. Maria Ana Júlia de Macedo Soares Serrão; ficaram duas filhas: D. Maria Ana que nasceu a 17 de Março de 1853 e D. Sofia Juliana, nascida a 5 de Janeiro de 1855.

Manuel José, nasceu a 25 de Agosto de 1825 e faleceu a 29 de Dezembro de 1859.

Joaquim José, nasceu a 19 de Junho de 1827.

E D. Maria José, que nascendo a 2 de Abril de 1830, foi recolhida no Convento de N. S.^a da Conceição de Arroios, da Ordem Franciscana, em Lisboa.

Provavelmente do último destes três filhos, Joaquim José, seria filha a Senhora D. Maria Emília Stattmiller de Saldanha Albuquerque, falecida em 26 de Janeiro deste ano, casada com o Senhor Harold Gilbert Smith, de quem ficou uma filha D. Maria Elizabeth, e que morava na Rua Comandante Freitas da Silva, 12, rés-do-chão, direito, sepultando-se no Cemitério da Ajuda e onde esta família tem um antigo jazigo de que muito bem me lembro.

Mas voltemos ao palácio.

Refere o Senhor Sampaio Ribeiro:

«Depois, como os donos estivessem ausentes, a Regência mandou sequestrá-lo. Em 1810 serviu de Hospital Militar Português e no ano seguinte passou para o uso dos ingleses, com a mesma finalidade.

Quatro anos mais tarde, em 1814, o Marechal Beresford foi morar para lá e a casa sofreu obras de vulto custeadas pelos cofres públicos.

A partir de 1834, prossegue o Sr. Sampaio Ribeiro, encheu vários donos o último dos quais, o II.^{mo} e Ex.^{mo} Conde da Folgosa, meu distinto confrade e bondoso amigo, o vendeu ao Estado para instalação do Arquivo Histórico Colonial.»

Ora aqui é que se engana o meu prezado colega e amigo, Sr. Sampaio Ribeiro, aliás sem culpa nenhuma, pois também trocou as personalidades do 1.^o pelo 2.^o Conde da Folgosa, visto que, em verdade, não foi o segundo, nosso distinto confrade na Associação dos Arqueólogos, quem vendeu a propriedade em questão, mas sim

seu avô-padrasto, o 1.º Senhor Conde da Folgosa, 3.º marido de sua avó, que fora primeiramente Condessa de Geraz de Lima, e depois 1.ª Condessa da Folgosa, título de sua casa pois era filha dos 1.ºs Barões deste título.

Foi em 1919 que a venda se realizou, não para instalação do Arquivo Histórico Colonial, mas para se construir ali um edifício para Hospital Colonial, o que efectivamente se realizou logo a seguir.

Nessa época escrevi eu umas mal ataviadas linhas num jornal pedindo se salvassem os formosíssimos cinco lustres da Sala dos Marechais, que o «cabeça de pau» senhor Almada, veio a comprar e logo marcharam para o estrangeiro, e pedia também que se salvasse o arvoredado que, não entrando na escritura estava prestes a ir ser deitado abaixo.

Da sala formosíssima assim desmantelada nem a célebre estátua escapou.

Como o Estado, parece, não lhe achou interesse, veio a ficar com ela o meu amigo senhor 2.º Conde da Folgosa, que a conserva no jardim da sua casa, à Rua do Quelhas.

Só mais tarde reconhecendo-se que a construção do novo edifício para o hospital não precisava inutilizar o velho palácio dos Saldanhas, se resolveu, fazendo-se-lhe grandes obras, e muito bem, ali instalar o «Arquivo Histórico Colonial», que ficou com entrada independente pela Calçada da Boa Hora, com grande pátio à frente conhecido por «Pátio do Saldanha».

Na mesma propriedade existia mais para o nascente, e perfeitamente separado do antigo, um outro palácio e muito mais moderno, mas amplo e confortável, que não sei se terá sido construído, pelo 1.º Barão da Folgosa. Ainda o conheci com móveis dentro e um curioso quarto de banho que parecia um beliche, no patamar de uma escada de serviço.

No meu trabalho de 1938, já aqui tantas vezes citado, tenho estas palavras:

«Desde muito novo conheci aqueles palácios e aquele belo arvoredado...»

Ali se passaram, há muitos anos já, algumas tardes ameníssimas em tempo do 1.º sr. Conde da Folgosa, que gentilmente emprestava tão elegante e agradável recinto a algumas pessoas do seu conhecimento que ali se reuniam. Possuo uma fotografia recordando a visita de estudos feita, passados anos, por alguns membros da Associação dos Arqueólogos, àqueles lugares de tamanho encanto.

«Essa visita foi feita em 1 de Dezembro de 1919 e podemos ali ver: Sentados; Augusto Cardoso Pinto de Queiroz, felizmente vivo, Dr. Artur Lamas, Dom José Pessanha, Conde do Almarjão e José Queiroz. todos os quatro falecidos,

tendo sido o último a desaparecer em 23 de Dezembro passado, meu primo o Conde do Almarjão. Em pé vêem-se Rodrigues Simões, meu primo Francisco Nicolau da Ponte e Horta Romano Gavazzo, ambos vivos, Dr. Félix Alves Pereira, Dr. Santos, Dr. Eduardo Cunha e Costa (Visconde das Picoas), João José Pinto, General José Emilio Sant'Ana Castello Branco, Dr. Alberto Osório de Castro e Dr. Eduardo Pimenta, já todos desaparecidos. A seguir sou eu, pelo que parece ainda vivo. E termina o grupo: Mário Leitão Alão Veiga e Jesuino Artur Ganhado, decerto o mais velho de todos, ambos desaparecidos.»

Desses portanto 17 amigos, treze já lá vão. Restamos quatro, entre eles eu, que era o mais novo do grupo.

E basta quanto à grande Casa da Ega.

Ora, continuando, depois de alguns prédios sem interesse, temos o belo palácio que começa por um lindo jardim, com velhas e frondosas árvores e que foi de D. José da Silva Pessanha, casa-nobre aparatosa, construída ao gosto italiano, com largo portão central depois um grande pátio tendo ao fundo uma fonte. Pelas trazeiras adivinhava-se uma capela encimada por uma imagem votiva, que o último comprador fez derrubar para ali instalar qualquer coisa como um arquivo, ou depósito, visto o adquirente foi S. Ex.^a, o Estado, para no prédio vir a funcionar mais uma repartição pública!

Mais tarde foi ali a residência da Condessa do Porto Brandão, e já no meu tempo ali vivia com seus filhos, um do segundo matrimónio e outro do terceiro, os dois elegantes com que Lisboa contou durante algumas décadas, Eduardo Romero, casado e com filhos e João Bregaro, que já depois de ter abandonado aquela casa, casou, teve uma filha que hoje deve ser uma senhora.

Eduardo Romero foi um dos primeiros jogadores de ténis do seu tempo, com quem el-Rei o Senhor D. Carlos gostava de jogar. João Bregaro era o supremo elegante da sociedade de Lisboa, e lembro-me perfeitamente dele. Quando pela primeira vez se vendeu a flor em Lisboa, ele apareceu com toda a aba esquerda do seu bem talhado frak, juncado inteiramente de florinhas, que esse ano eram cor de rosa, e que ele pagava a libra em ouro cada uma.

Anos depois ali viveu o Dr. Soares Franco, casado com uma senhora, filha do Conselheiro Vasconcellos Porto, e foi senhor desse belo palácio, porém por bem poucos anos por sinal, ali dando uma única festa, e mesmo assim só em parte do palácio, que o resto não conseguira estar ainda decorada, pelo casamento de sua filha com o Sr. Eng. Avillez.

Foi pouco depois vendida ao Estado, que ali instalou o Ministério das Corporações, e a 3.^a repartição do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência.

Segue-se logo um outro palacete, muito mais recentemente construído; residência da Senhora Viscondessa de Pernes.

Segue-se depois, também com um grande logradouro, um esplên-

dido terraço um outro palácio em que durante bastantes anos esteve a legação da Noruega, e em que o Ministro Frim Koren deu algumas belas festas. Fôra essa casa o Palácio dos Condes da Ponte, esteve ali residindo o Núncio Acciaiuoli e últimamente funcionou em parte Posser de Andrade. Agora está ali instalada uma secção da Administração-Geral do Porto de Lisboa.

E estamos chegados a outro imóvel do lado norte da Rua da Junqueira, o Palácio dos Patriarcas, sumptuosa residência de verão onde Sua Eminências se retemperam do ar abafadiço de S. Vicente, em que passavam o ano.

Em 1727 já este palácio aparece na planta marginal daquele ano (di-lo o Sr. Sampaio Ribeiro). Em 1734 era do Principal César (da casa de Sabugosa) e, depois, do terremoto, ali estiveram residindo os Patriarcas de Lisboa, com as suas comitivas e familiares por longos anos. Em 1818 ali esteve também instalado o Seminário de S. João Baptista.

«Mais tarde, adquiriu-o o célebre capitalista Manuel António Fonseca, alcunhado de «Monte-Cristo», tendo tido por inquilino o Marquês de Sá da Bandeira. Foi Monte-Cristo — um Cresus extravagante, que bebia chá por taças de ouro — quem modificou a traça primitiva do palácio, fazendo deparecer várias dependências habituais, que havia em toda a frente, para as transformar na grande varanda que hoje existe.

1834 terá feito perder à Mitra esse palácio magnífico...»

«... que foi comprado em 1865 pelo Príncipe D. Sebastião de Bourbon, filho do Infante D. Pedro Carlos e da nossa Infanta D. Tereza, a Princesa da Beira, filha primogénita del-Rei D. João VI.

Depois foi comprado pelo Conde de Burnay, que lhe fez obras, ampliou uma capela sobre a travessa e edificou um mirante, em que mandou esculpir no alto, as armas dos Burnays, depois de ter comprado um prédio mísero que tornejava para a Travessa dos Condes da Ribeira, cujo dono, um barbeiro jamais se quis desfazer da sua loja de officio. Foi por morte deste «Fígaro» que o Conde pôde rematar assim pelo lado do nascente a sua propriedade, lembrando-me ainda muito bem da tal loja de barbeiro.

Transposta a travessa, começa o que foi a esplêndida propriedade dos Condes da Ribeira Grande, Marqueses deste título e que antes o tiveram de Marqueses da Ponta Delgada.

O imenso imóvel começa por um prédio onde o Senhor Marquês viveu e veio a falecer muito bem me lembrando vê-lo já doente, junto de uma das janelas, encostado em grandes almofadas, com a sua bela barba branca e óculos de aro de tartaruga, olhando a rua.

Chamava-se D. José Maria Gonçalves Zarco da Câmara. Foi o 2.º Marquês e 9.º Conde da Ribeira Grande, Oficial-Mór honorário

da Casa Real, Par do Reino, Doutor em Ciências Políticas e Administrativas pela Universidade de Louvain. Nasceu a 3 de Novembro de 1843, tendo casado duas vezes: a 1.^a em 1862, com D. Luiza de Sousa e Hostlein, filha dos 2.^{os} Duques de Palmela, e a segunda com D. Maria Helena de Castro e Lemos, filha dos Morgados do Covo. Do 1.^o matrimónio nasceu uma menina que logo faleceu. Do 2.^o casamento nasceu uma senhora, D. Maria José, D. Salvador, que veio a ser o 10.^o Conde da Ribeira, e D. Rui, meu querido amigo e meu condiscípulo, Bacharel formado em Direito, e esforçado cavaleiro tauromático, casado com uma das três irmãs, Senhoras Morales de los Rios, filha de D. José Morales e neta materna dos Condes de Burnay.

O 2.^o Marquês da Ribeira Grande foi filho do 1.^o Marquês deste título e 8.^o Conde D. Francisco de Salles Maria José António de Paula Vicente Gonçalves Soares da Câmara, que nasceu em 1819 e sucedeu a sua tia a Sr.^a Marquesa da Ponta Delgada, Par do Reino, Alferes-Mór do Reino, Alcaide-Mór do Castelo de S. Braz, Comendador de Aviz, falecido a 1 e Outubro e 1872, tendo casado três vezes: a 1.^a em 1840, com D. Ana da Piedade Brígida Senhorinha Francisca Máxima Gonzaga de Bragança Mello e Ligne Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, falecida em Junho de 1856; a 2.^a em Junho de 1857, com sua cunhada, D. Maria da Assunção de Bragança Mello e Ligne Sousa Tavares, falecida em 1858, filhas ambas dos 3.^{os} Duques de Lafões; e a 3.^a, em Maio de 1867, com D. Luísa da Madre de Deus da Cunha e Menezes, filha de D. Carlos da Cunha e Menezes, da Casa de Lumiares, casado com D. Maria Joaquina Quintella, da Casa de Farrobo.

Teve seis filhos do 1.^o casamento, sendo o 1.^o o 9.^o Conde e 2.^o Marquês, acima indicado D. Ana, Marquesa de Sezimbra, pelo seu casamento com D. Tomaz de Sousa Holstein, 1.^o Marquês deste título, D. Luiz, casado com D. Mariana Carlota da Cunha e Menezes, filha dos já referidos D. Carlos da Cunha e Menezes e de D. Maria Joaquina Quintella; D. João da Câmara, o célebre dramaturgo, que ali nasceu, e casou com Eugénia de Mello Breyner, filha dos 2.^{os} Condes de Mafra e irmã portanto do Sr. D. Tomaz de Mello Breyner, que fez favor de ser muito meu amigo; com geração. Do 2.^o casamento nasceu apenas uma senhora, que casou com Manuel de Castro e Lemos, da Casa de Covo. E do 3.^o matrimónio ficou também um filho, D. Francisco. Pertence esta parte do palácio actualmente ao meu amigo, Senhor José Rino de Avellar Froes.

Ora a esse prédio a que fiz referência segue-se a capela da Casa da invocação de Nossa Senhora do Carmo, que é uma verdadeira igreja, maior que muitas paroquiais, e de muito bom estilo. E a seguir começa então pròpriamente o palácio, com três corpos, dois recuados depois dos terraços do 1.^o andar e com um segundo cada um deles, e uma parte principal, toda com janelas de sacada, com treze

vãos de frente, tendo um grande tímpano com o braço das armas dos Câmaras de Lobos de que é chefe esta família.

Mas se entrarmos o belo portão central, que desilusão! A escada que logo se espera não existe e sim duas horríveis escadas que ligam o corredor, estreito e tortuoso do rés-do-chão, a outro corredor e casas horríveis do 1.º andar.

Só virando à esquerda, e andando muitos passos, se encontra um lanternim, com uma dupla escada de caracol, menos má, que deita para uma das inúmeras salas do 1.º andar.

Depois de ali estar instalado imensos anos o «Colégio Arriaga», que deve ter ajudado a estragar a casa, foi para ali levado o Liceu D. João de Castro, que só há pouco ali deixou de funcionar, mas continuando lá aulas do Liceu Rainha D. Leonor.

Ora estamos quase chegados ao termo do nosso passeio. Faltam, depois da Quinta de Santo António, onde está instalado o Refeitório da Junqueira, da FNAT, três palácios, que creio, todos são, ou foram da Família Ferreira Pinto Basto. O segundo foi o Palácio do «Conde Almirante» e esta alusão na vista panorâmica a que tantas vezes me tenho referido induziu-me em erro, caridosamente ressalvado pelo Sr. Sampaio Ribeiro. É que o «Conde Almirante» não era o da Casa dos Marqueses de Niza e Condes da Vidigueira, dos descendentes de Vasco da Gama, dos Condes Almirantes da Índia, que, de resto ali tiveram também uma propriedade, na parte vendida aos Câmaras, e onde o primeiro Marquês da Ribeira edificou o palácio que lá está e de que falámos, em terrenos «que seus antepassados haviam adquirido a Nuno da Silva Telles, 4.º Marquês de Niza por seu casamento», como nota Sampaio Ribeiro.

A confusão nasceu pois daí. Ali muito perto os Almirantes da Índia também tinham tido uma propriedade sua, somente um pouco mais para o lado do ocidente.

Era portanto o imóvel a que nos referimos dos Condes Almirantes de Portugal (nós, para em tudo sermos grandes, até tivemos duas famílias com almirantados, o de Portugal e o da Índia), esta família dos Condes de Rezende, D. António José de Castro, descendente dos primeiros Pessanhas, Almirantes, e este D. António assinava-se também «Conde Almirante», como soia de fazer o da Índia, também «tout court». Daí o meu engano.

Este D. António José de Castro, nasceu em 1719 e faleceu em 1801, tendo casado com D. Tereza da Cunha de Távora, filha dos 4.ºs Condes de São Vicente.

Foi este 1.º Conde de Rezende, feito em 1754, por graça conferida de juro e herdade com três vidas fora da Lei Mental, em troca do Senhorio da Capitania dos Ilhéus e das Vilas de Camamú, Boupeda, Cargni e Staparica, e de 50 léguas de terra, tudo no estado do Brasil. Foi Senhor da Casa de Rezende, donatário do seu Conselho, Senhor

das Vilas de Reriz, Bemviver, Sul, Penella, Albergaria, das honras de Heiras, Montão, Gosende e Ribelas; de Reguengo de Godim e dos três fogos de Rio Douro, Canedo, Lobagim e Figueira Velha, 15.º Almirante de Portugal, 5.º Capitão da Guarda Real dos Archeiros, do Conselho de Estado, Presidente do Conselho Ultramarino, Grã-Cruz da Ordem de Cristo e Deputado da Junta dos Três Estados.

Teve, entre outros, os seguintes filhos: D. Isabel Maria, Dama da Rainha D. Mariana Victória, D. José Luiz de Castro, 2.º Conde, de quem falaremos.

D. António José de Castro, Bispo do Porto, Presidente da Junta Suprema do Governo do Reino na ausência de D. João VI, Patriarca de Lisboa.

E D. Francisca, Condessa de São Tiago pelo seu casamento.

O 2.º Conde de Rezende foi o 11.º Senhor de Penella; 13.º de Roriz de Bemviver, Sr. de Morgado de Rezende, 16.º Almirante de Portugal, 6.º Capitão da Guarda Real dos Archeiros, Tenente-General do Exército, Vice-Rei do Brasil, Capitão-General do Mar e Terra nos Estados do Brasil, morreu em 1819, tendo casado em 1774 com D. Maria do Rosário de Noronha, filha de D. Lourenço de Noronha, Governador da Índia, casado com D. Maria Ana de Portugal, filha dos 1.ºs Marquesses de Alorna. E teve, além de outros, o 3.º Conde de Rezende, abaixo, e D. Maria Benedicta, Condessa de Povolide pelo seu casamento.

D. Luiz Inocência Benedito de Castro, foi 3.º Conde de Rezende, 17.º Almirante, 7.º Capitão da Guarda, Marechal de Campo, Governador do Alentejo, casado em 1813 com D. Maria José Emerenciana da Piedade da Silveira, nascida em 1792, filha de D. Braz Baltazar da Piedade da Silveira, casado com D. Ana Isabel de Castro, da Casa de Sarzedas.

E tiveram um filho único, que foi o 4.º Conde de Rezende.

D. António Benedito de Castro, 4.º Conde de Rezende, 18.º Almirante de Portugal, de juro e herdade, Porteiro-Mór da Casa Real, dos Archeiros, Comendador de Cristo, casado em 1843 com D. Maria Pamplona Carneiro Rangel Velloso Barreto de Figueiredo, filha dos 1.ºs Viscondes de Beire.

E tiveram, entre outros:

D. Luiz Maria Benedito da Natividade de Castro Pamplona, 5.º Conde de Rezende, faleceu sem geração.

D. Manuel Benedito, que segue.

D. Emília, casou com o grande escritor José Maria de Eça de Queiroz, com geração.

D. Alexandre, casou com D. Emília Barbosa, com geração.

D. Maria Benedita, casou com Luiz Osório (Proença-a-Nova), com geração.

D. Manuel Benedito de Castro Pamplona, 6.º Conde de Rezende. Casou na Madeira, em 1876, com D. Maria das Dores da Câmara, filha primogénita dos Condes de Carvalhal.

E teve, entre outros:

D. António, D. Luiz, D. João, D. Manuel, D. José (que foi meu condiscípulo e faleceu sem geração), casado com sua prima direita, D. Maria Eça de Queiroz; e D. Pedro.

O terceiro desses palácios foi o do célebre vinicultor José Maria dos Santos, que ali morou e morreu já no nosso tempo, muitas vezes nos lembramos de o ver, já doente, a uma das janelas do rés-do-chão, com triste aspecto, de quem não pensa já demorar-se muito na terra.

Resta-nos falar do último dos palácios da Rua da Junqueira, aquele com que esta serventia actualmente termina, e onde, há um século ela começava, um pouco mais para diante na confluência da Calçada e das Escadinhas de Santo Amaro, mesmo em frente do «Car-Barn» da Companhia dos eléctricos, e que era parte dos jardins do belo Palácio que os Condes da Ponte tinham a Santo Amaro.

Esse enorme casarão, foi mandado construir por José de Saldanha de Sousa e Menezes. Passou depois a José Ferreira Pinto Basto, vindo a sua família a adquirir ali vastas propriedades, uma nas Escadinhas de Santo Amaro e os três imóveis a que acima nos referimos, um dos quais foi dos Almirantes Móres do Reino.

Tudo isso nos conta o Dr. Artur Lamas na *Notícia histórica das casas de José Ferreira Pinto Basto dos seus descendentes, na Junqueira*, in: «*A Fábrica da Vista Alegre, Apêndice ao Livro do seu Centenário, 1829-1924*».

No meu trabalho sobre a *Vista Panorâmica...* a págs. 12, digo:

«Num prédio grande, precedido de um muro alto com janelas, suponho seja aquele enorme casarão, que, com entrada pelo começo da Calçada de Santo Amaro, faz esquina para a antiga Estrada e foi moradia do já referido Conselheiro Mendonça Cortez, mais tarde propriedade de D. Duarte de Alarcão, que foi Secretário da Universidade de Coimbra e pai de meu primo, D. Miguel Osório Cabral de Castro Homem de Almeida Vidal, de Alarcão Velasques Sarmento Corrêa de Fonseca e Andrade, actual Senhor da Quinta das Lágrimas, nos campos de Coimbra (que era filho do seu primeiro casamento), e onde morou até há poucos anos, falecendo acidentalmente em Paris, sua segunda mulher, a Senhora D. Maria Emília Osório, que muito bem conheci, pessoa de fino trato e bondosa em extremo.»

Ali morou muita e vária gente, em anos muito diferentes, de que o meu amigo Sr. Sampaio Ribeiro, loco cit., a págs. 20, junta ainda:

«O Duque de Montpensier, os 2.ºs Condes de Mafra e a veneranda figura do velho legitimista, que foi D. Alexandre de Saldanha da Gama.»

Deste velho prócere da nobreza autêntica portuguesa me lembro ainda muito bem. Teve larga prole, entre ela uma senhora que cegou muito nova e andava sempre acompanhada de uma sua irmã e de

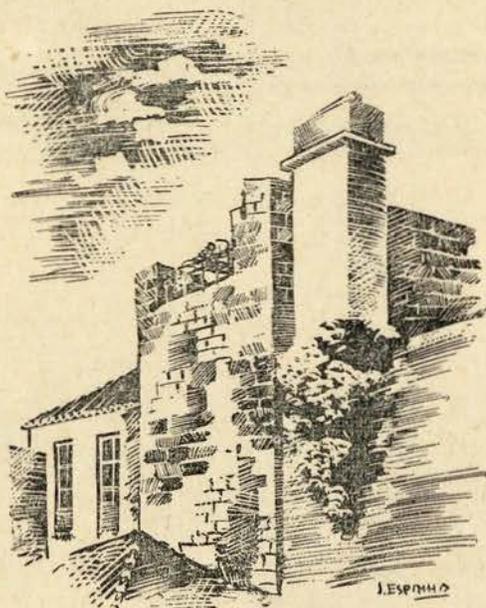
vários filhos, entre eles o meu amigo Sr. D. José de Saldanha da Gama, casado com a Senhora Condessa de, há poucos anos falecida, de que tem vários filhos.

Será caso para perguntar, rematando esta palestra sobre os palácios da Junqueira: Terei dito tudo?

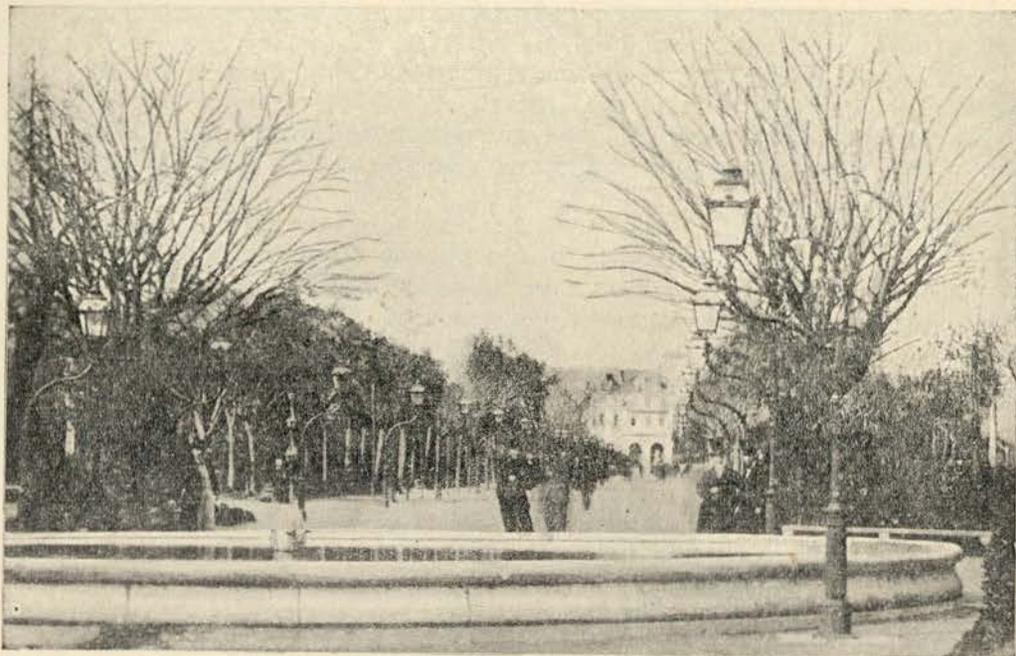
Não, certamente. Muito mais ainda haveria que esmiuçar. Mas nem o tempo me dava para mais nem paciência V. Ex.^{as} teriam para me ouvir.

E agradeço a V. Ex.^{as} muito a paciência com que me escutaram, prometendo a V. Ex.^{as} que tão breve me não apanharão aqui de novo para os cansar com a minha prosa enfadonha.

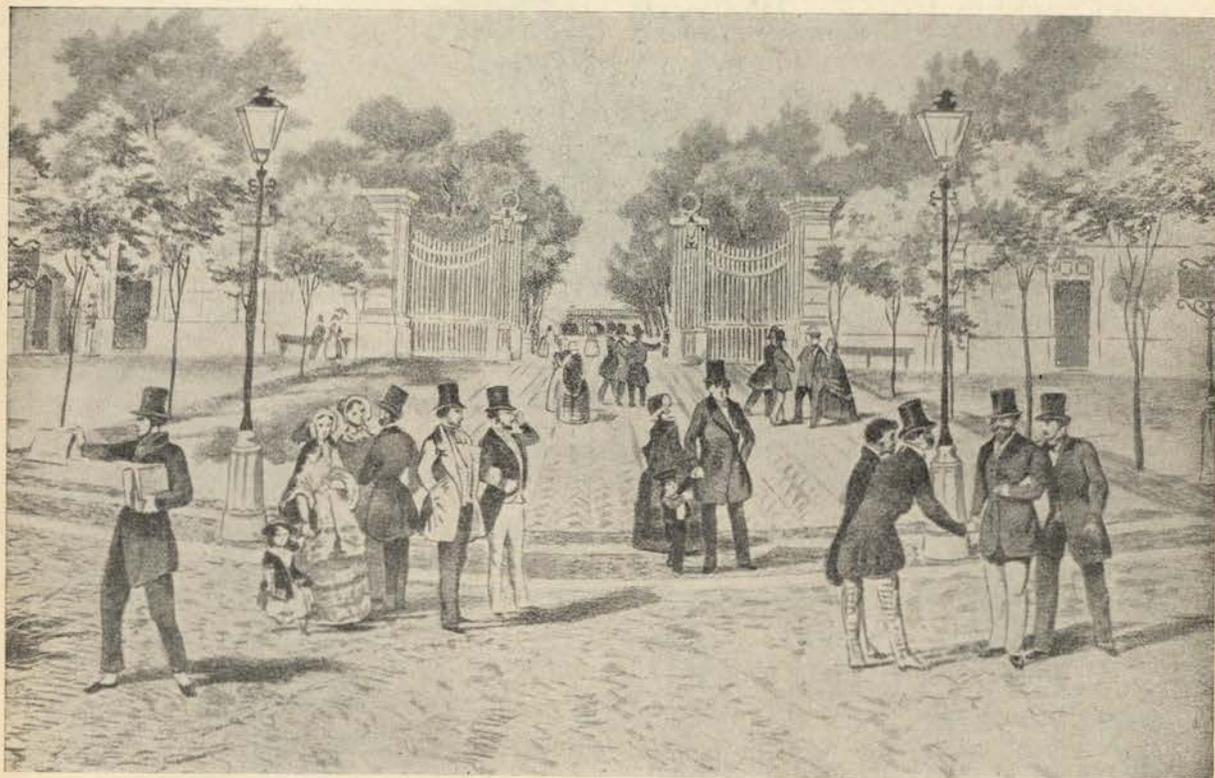
DISSE.

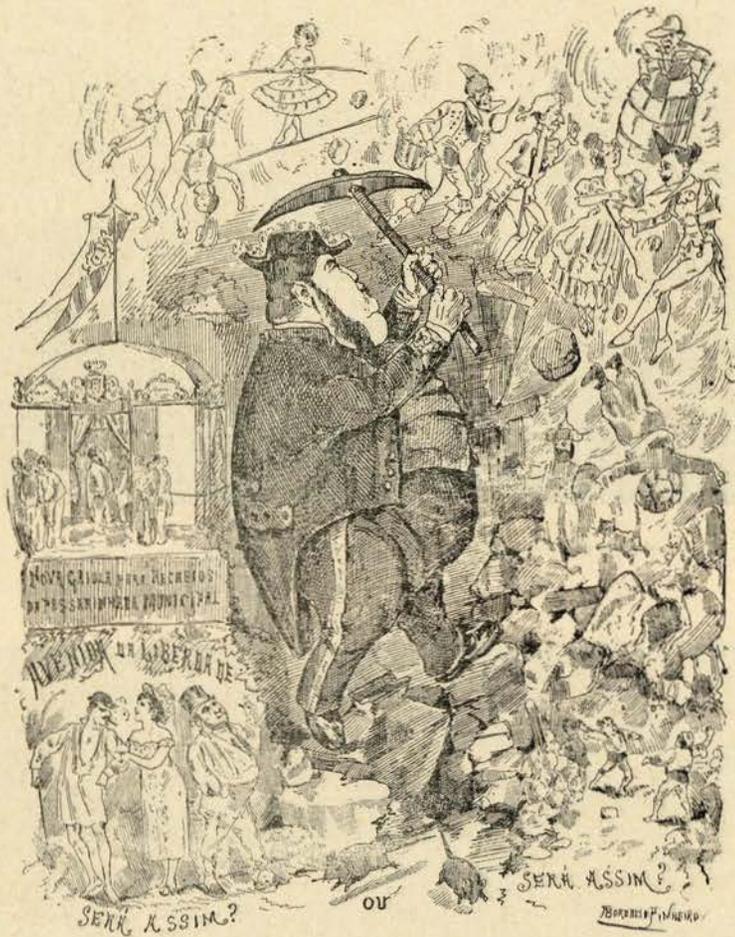


A Propósito da
AVENIDA DA LIBERDADE



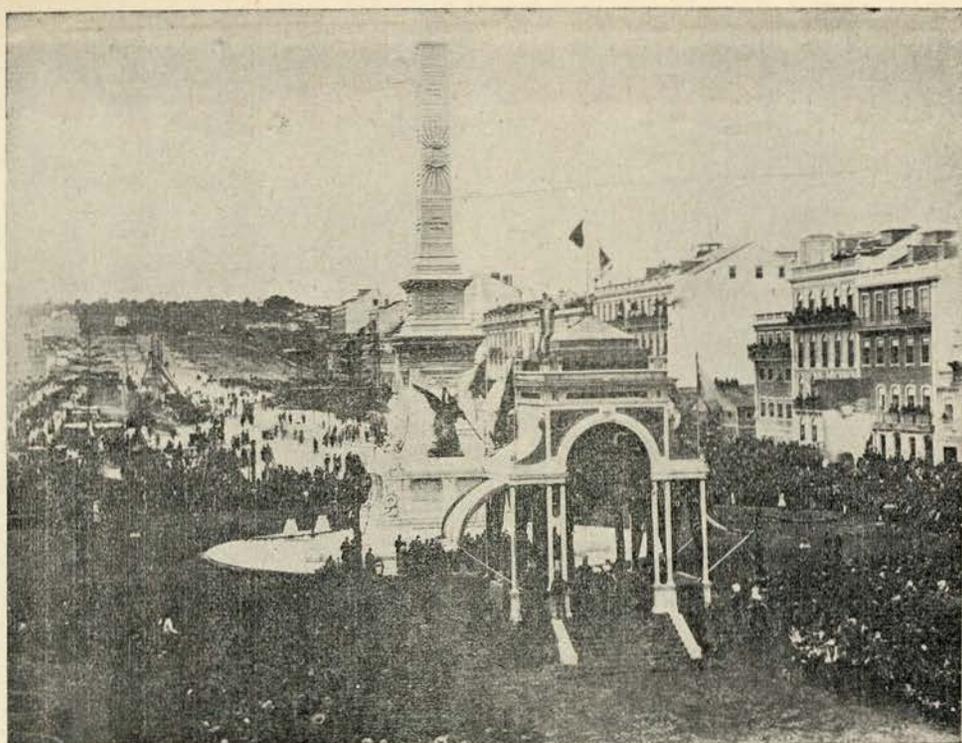
O PASSEIO PÚBLICO
Rua Principal e Entrada





Rosa Araújo
inicia a abertura da Avenida da Liberdade

Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro



Inauguração do Monumento aos Restauradores

Reprodução duma fotografia da época



Vista da Avenida da Liberdade e construção da Praça Marquês de Pombal

ACTIVIDADE CULTURAL

no Semestre Passado

No primeiro semestre de 1955 realizou o Grupo numerosas visitas, tendo sido a primeira à Igreja de Nossa Senhora do Loreto, dirigida pelo respectivo Reitor Rev. Padre Luiz Gasperetti. Teve lugar em 15 de Janeiro.

A 21 do mesmo mês realizou-se a Assembleia Geral do Grupo a qual, em segunda convocação, elegeu os Corpos Gerentes para o triénio de 1955/57 e discutiu e aprovou os Relatórios da Junta Directiva e da Comissão de Contas, já publicados no n.º 70 do nosso Boletim.

Segue-se a lista dos Corpos Gerentes então eleitos:

ASSEMBLEIA GERAL

<i>Presidente</i>	— Prof. Doutor Fernando Freitas Simões
<i>Vice-Presidente</i>	— Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte
<i>1.º Secretário</i>	— Teodoro Lopes Ramos
<i>2.º Secretário</i>	— Joaquim Pascoal Rodrigues

JUNTA DIRECTIVA

EFFECTIVOS

<i>Presidente</i>	— Prof. Doutor Augusto Pires Celestino da Costa
<i>Vice-Presidente</i>	— Gustavo de Matos Sequeira
<i>Secretário-Geral</i>	— Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
<i>Secretário-Geral Adjunto</i>	— Dr. Alberto Gomes
<i>Tesoureiro</i>	— Hugo Raposo
<i>Vogais</i>	— Coronel José Sardinha Pereira Coelho Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes Prof. Doutor Raúl de Carvalho Prof. Doutor António Monteiro da Costa

SUBSTITUTOS

<i>Presidente</i>	— General Raúl Esteves
<i>Vice-Presidente</i>	— Dr. Luiz Chaves Lopes
<i>Secretário-Geral</i>	— Dr. Luciano José Oliveira Ribeiro
<i>Secretário-Geral Adjunto</i>	— Mário da Conceição Costa
<i>Tesoureiro</i>	— João de Sousa Lara
<i>Vogais</i>	— Acúrsio Pereira
	— Dr. Joaquim Paço d'Arcos
	— Dr. Manuel Vicente Moreira
	— Marquês de Abrantes

COMISSÃO DE CONTAS

EFFECTIVOS

<i>Presidente</i>	— Dr. José Leitão de Barros
<i>Secretário</i>	— Higinio Nunes da Silva
<i>Relator</i>	— Alfredo Brazão Alves

SUBSTITUTOS

<i>Presidente</i>	— Francisco de Assis Oliveira Martins
<i>Secretário</i>	— Eng. Diogo Sobral
<i>Relator</i>	— José Francisco de Oliveira

SECÇÃO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E DEFESA DO PATRIMÓNIO OLISIPONENSE

<i>Presidente</i>	— Gustavo de Matos Sequeira
	— Eng. André Navarro
	— Dr. Durval Pires de Lima
	— Dr. Jaime Lopes Dias
	— Dr. João Couto
	— Mário de Sampaio Ribeiro
	— Visconde de Santarém

SECÇÃO DE ESTUDOS ECONÓMICOS E SOCIAIS

<i>Presidente</i>	— Hugo Raposo
	— Eng. Araújo Correia
	— Ermete Pires
	— Dr. José Sabino Pereira
	— Dr. Luciano José de Oliveira Ribeiro
	— Luís Moita
	— Dr. Roberto Sarmento

SECÇÃO DE ESTUDOS DE ESTÉTICA E URBANIZAÇÃO

Presidente — Prof. Doutor Joaquim Moreira Fontes
Eng. António Emídio Abrantes
Prof. Armando Lucena
Eng. D. Francisco de Mendia
Jaime Martins Barata
Arq. Porfírio Pardal Monteiro
Eng. Ricardo E. Teixeira Duarte

SECÇÃO DE MOVIMENTO CULTURAL E PROPAGANDA

Presidente — Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves
Alfredo Ferreira do Nascimento
Eng. António Perez Durão
Eduardo Portugal
Hugo Raposo
José Francisco de Oliveira
Dr. José Garrida Mendes da Cruz
Dr. José Leitão de Barros
Mário da Conceição Costa
Dr. Roberto Sarmento

(Os Presidentes foram nomeados, nos termos dos Estatutos, na sessão de 8 de Março da Junta Directiva).

A 27 do mesmo mês de Janeiro realizou-se na sede uma conferência intitulada *O Passeio Público dos nossos avós*, devida ao nosso consócio Sr. Dr. Francisco Cancio e cujo texto já foi publicado no último número do nosso Boletim.

O mês de Janeiro terminou com a visita cultural à Ermida de Nossa Senhora dos Navegantes, dirigida pelo nosso consócio Sr. Dr. Luís Chaves.

Em Fevereiro realizaram-se: uma conferência na sede e uma visita cultural; a primeira da autoria do nosso consócio Sr. Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, intitulada *Os Museus de que Lisboa falece* e a visita foi dirigida pelo nosso consócio Sr. Dr. José Pinto de Aguiar, ao Lar de Nossa Senhora dos Anjos, instalado no antigo Recolhimento de Lázaro Leitão.

Em Março realizaram-se duas visitas de estudo, por turnos, ao Museu do Bocage instalado no edifício da Faculdade de Ciências de Lisboa e dirigida pelo nosso consócio Sr. Prof. Doutor Ricardo Jorge, ilustre Director do Museu que, auxiliado pelos seus colaboradores quis ter a gentileza de nos dois dias pessoalmente nos receber.

A 24, o nosso Secretário-Geral realizou na sede uma conferência

com o título *A educação de que Lisboa falece* que teve larga repercussão na Imprensa e nos meios citadinos.

Esta conferência foi ilustrada com a passagem dum filme cultural cedido pela Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa.

Realizaram-se em Abril dois *Circuitos da Lisboa Moderna* dirigidos e organizados pelo nosso Director Tesoureiro, Sr. Hugo Raposo, que resultaram duas magníficas realizações da colaboração deste Grupo na propaganda da obra de urbanização da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa e em que tomaram parte cerca de 300 pessoas. É já a sexta vez que, periódicamente, o Grupo organiza estes circuitos.



Na inauguração da *Exposição de Cerâmica Olisiponense*, vendo-se ao fundo, com a Sr.^a D. Maria Portugal, expositora, a Sr.^a D. Julieta Ferrão e os Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento, Prof. Celestino da Costa e Dr. Eduardo Neves.

Em Maio houve na sede uma conferência pela nossa consócia Sr.^a D. Julieta Ferrão, intitulada *A Conquista de Lisboa por um Caldense* acompanhada de projecções a cores, de quadros de Malhoa, da colecção do Sr. Dr. Lucas de Sousa que, pessoalmente, teve a gentileza de vir projectar os seus diapositivos. Esta conferência foi a comparticipação do Grupo no Centenário, então decorrente, do Pintor José Malhoa.

Realizou-se também a visita cultural à *Exposição de Pratas*

no Museu da Fundação Ricardo Espírito Santo, dirigida pelo nosso consócio Sr. Prof. Armando de Lucena, e uma visita cultural ao *Asilo dos Velhos de Marvila* dirigida pelo seu Director e nosso consócio Sr. Dr. César Antunes. Houve ainda na sede, de 21 a 30, uma *Exposição de Cerâmica Olisiponense*, organizada pela nossa consócia Sr.^a D. Maria de Portugal, da Fábrica de Cerâmica de Constança, Lda. (Faiança Batisttini). Esta exposição trouxe à sede grande número de visitantes do nosso melhor escol intelectual e artístico, de que devemos destacar Sua Ex.^a Rev.^{ma} O Sr. Núncio Apostólico.

A 26 do mesmo mês realizou-se na sede a reunião intitulada *Colóquios olisiponenses*, proposta do nosso consócio Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento. Apraz-nos notar aqui que tal reunião resultou um acontecimento de alto nível cultural, reunindo numerosos consócios e onde usaram da palavra, além do iniciador, o nosso Secretário Geral e o Sr. Eduardo Portugal. O Sr Alfredo Ferreira do Nascimento apresentou uma crítica a certas realizações cidadinas e leu um pequeno estudo intitulado *O Estudo de Armas da Cidade de Lisboa* aludindo também a vários aspectos da vida cidadina, pondo, especialmente, em foco alguns problemas de trânsito e dos transportes colectivos. Ocupou-se também de várias obras de urbanização em curso.

Estes assuntos foram discutidos por vários sócios e, a seguir, aquele orador aludiu ao escudo de armas da cidade, cujo desenho considerou errado no que respeita à reprodução da condecoração da Torre e Espada. Apoiou as suas considerações em documentos que exhibiu.

O Dr. Eduardo Neves trouxe à reunião duas medalhas de prata e uma de cobre referentes à Estátua Equestre de D. José I, referindo às suas diferenças e à sua história artística. O Sr. Eduardo Portugal apresentou uma série de fotografias sobre a marca



insígnia do Hospital de Todos os Santos, colocada nas propriedades que lhe pertenciam e cuja relação se publica noutro local.

De 14 a 31 de Maio realizou-se, como de costume, na Avenida da Liberdade, a Feira do Livro, a que concorremos por convite obsequioso do Grémio Nacional de Editores e Livreiros de Portugal, que constituiu o costumado êxito.

Em Junho realizaram-se duas visitas de estudo, uma ao *Instituto Nacional de Educação Física*, instalado, magnificamente, nas abas do Parque Florestal de Monsanto, junto à Cruz Quebrada, orientada pelo seu Director Sr. Prof. Dr. Mário Gonçalves Viana, que gentilmente nos acompanhou. Esta visita reuniu cerca de trezentas pessoas de que uma parte foi fotografada em Grupo, à entrada do Instituto e se publica neste número.

A outra visita foi realizada no dia 10 à *Base Aérea n.º 6*, no Montijo. Reuniu mais de trezentas pessoas que foram recebidas e acompanhadas pelos senhores 1.º Tenente Ângelo Fernandes e 2.º Tenente Wilton Pereira.

As vastas e belas instalações e bem assim os hângares foram muito apreciados por todos os visitantes que depois, no mesmo barco, foram até ao Montijo onde desembarcaram, voltando a Lisboa ao



Os *Amigos de Lisboa* na visita ao Instituto Nacional de Educação Física. No primeiro plano, com o Director do Instituto, Sr. Dr. Mário Gonçalves Viana, que orientou a visita, os Srs. Drs. Adriano Burguete e Eduardo Neves, Secretário-Geral dos *Amigos de Lisboa*.

fim da tarde. A bordo havia um bar e foi difundida música popular e de baile.

Por motivo de atraso nas obras foi adiada para data a anunciar oportunamente, a visita de estudo à Igreja de S. João de Brito.

A 25 realizou-se na sede uma conferência pelo Sr. Doutor Fernando da Silva Correia com o título *A propósito de D. João II*, realização esta com que o Grupo se associou ao centenário desse nosso ilustre conterrâneo. Esta conferência, de alto nível intelectual, foi uma bela manifestação de cultura histórica e lisboetense, largamente concorrida pelos melhores nomes intelectuais lisboetas.

A 26 realizou-se a Romagem à *Quinta de Vale de Lobos*, cerca de Santarém, onde morreu o lisboeta ilustre que foi Alexandre Herculano, cujo centenário também decorre este ano. Também o cente-

nário do Intendente Pina Manique foi homenageado com uma visita a *Manique do Intendente*, cerca de Azambuja. No trajecto, por amável convite do nosso consócio sr. Tenente Armando Ribeiro, foi visitada a *Matriz manuelina de Arruda dos Vinhos*, a cuja Câmara Municipal, o nosso citado consócio tão distintamente preside.

A romagem a Vale de Loboç constituiu uma patriótica manifestação de civismo e a nossa passagem por Santarém deu aso a agradáveis manifestações das respectivas autoridades, que a exemplo do que aconteceu a quando da nossa Romagem, a propósito de Almeida Garrett, nos cumularam de gentilezas.

O artista escalabitano Braz Ruivo promoveu uma interessante exposição de obras da sua autoria, de que publicou um interessante catálogo ilustrado, em edição especial; e o nosso consócio capitão Sr. Júlio da Costa Pinto, que nos acompanhou, quis, num pitoresco almoço que nos ofereceu nas Portas do Sol, juntar alguns membros de Corpos Gerentes do nosso Grupo com as principais autoridades de Santarém, bem como o Governador Civil e o Presidente da Câmara Municipal e a Comissão da Feira do Ribatejo ultimamente realizada.

Os visitantes, cerca de 200, trouxeram da Romagem as melhores impressões.

São de agradecer a todos os directores das instituições visitadas, aos obsequiosos cicerones e às autoridades das terras onde nos deslocamos o maior agradecimento pelas gentilezas recebidas.

A 30 realizou-se na sede a segunda sessão dos *Colóquios olisiponenses* tendo nela tomado parte os nossos consócios Srs. Alfredo Ferreira do Nascimento que falou sobre aspectos da vida cidadina, e Hugo Raposo, que falou sobre *Divagação sobre a planta de Lisboa de 1833* acompanhada duma pequena exposição iconográfica; e Jorge Rebelo que proferiu uma palestra intitulada *Notas dum leitor*.

NOTA — Estão marcadas para Julho corrente, domingo 3, visita de estudo ao *Quartel de Artilharia Pesada n.º 1*, em Sacavém, dirigida pelo seu Ex.^{mo} Comandante, o ilustre Vereador da Câmara Municipal de Lisboa, Sr. Coronel Anibal Afra Nozes.

Quinta-feira, 15, conferência na sede, sobre o título *Do Príncipe Real a S. Roque*, pelo nosso consócio Sr. Dr. José Garrido Mendes da Cruz.

Sábado, 23, inauguração da exposição de *Visitas Panorâmicas de Lisboa*, organizada com exemplares das colecções do Grupo e do seu organizador o nosso consócio Sr. Eduardo Portugal.

Para Agosto está projectada como realização final do actual ano cultural, uma visita de estudo a *Tomar* em Auto-Motora, no domingo 7, cuja inscrição limitada abre no dia 4 de Julho.

Esta visita será dirigida pelo nosso consócio Sr. Major Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva.



Feira da Ladra

O Conselheiro Fernando de Sousa

O Eng. José Fernando de Sousa jornalista ilustre e prestimoso técnico de Caminhos de Ferro na sua profissão, que tanto nobilitou, foi nosso sócio fundador, tendo já este Boletim, a quando do seu pensamento, publicado o seu retrato, como é de hábito fazer a todos os sócios fundadores ou dirigentes falecidos.

Pela sua alta categoria mental e moral, não pode nem deve este Boletim deixar de se associar às homenagens ultimamente prestadas, a propósito do centenário do seu nascimento, a quem com tanto brilho ilustrou a Imprensa cidadina.

Têm, pois, esse intuito, estas nossas palavras.

E. N.

O Inventário de Lisboa

ESTÁ em festa a família olisiponense. Acaba de reatar-se a publicação desta utilíssima obra, planeada por Norberto de Araújo e por ele próprio levada ao nono fascículo. Mais longe o não deixou ir a inexorável sentença do destino.

Havia inquietação quanto ao prosseguimento — tão desejado — desta formosa edição. Porém, ao que se vê, os serviços culturais da C. M. L. não descuraram o caso e eis que, de surpresa, nos surge há dias o décimo fascículo agora confiado a outro talentoso Amigo de Lisboa, o Dr. Durval Pires de Lima, escritor com

os seus créditos marcados, mesmo no campo da olisipografia.

Temos que nos regosijar duplamente: pelo aparecimento do Inventário e pelas mãos em que ficou entregue.

Ao que se lê no verso da capa do fascículo saído, o Inventário *continuará dentro do plano primitivamente estabelecido*. Está bem, outra orientação não seria lógica nem justa para com a memória de Norberto, que, escrevendo em prosa, foi desta terra um dos maiores poetas. Na sua longa carreira de jornalista e de escritor, o tema Lisboa dominou de longe tudo o mais e aí é que ele foi verdadeiramente grande e empolgante. Quando falava sobre a sua Lisboa, do fundo da alma as palavras brotavam-lhe em chamas alterosas, ele saía fora de si, tornava-se outro, até mesmo, ou principalmente, quando era solicitado de improviso.

O primeiro fascículo do Inventário saiu em 1944, mas verdadeiramente data de 25 de Maio de 1939, dia em que o nosso saudoso amigo proferiu nos Paços do Concelho uma conferência intitulada *o Inventário de Lisboa*. Foi essa conferência toda consagrada a justificar e a planear o que devia ser a grande obra literária. Dizia ele logo no início:

«Neste amor a Lisboa, ordenado a sério, despido de expansões mórbidas, integrado apenas dentro da cultura — a minha função é modesta: propagar,

agitar, convencer, ensinar o que anda ensinado, repetir o que foi dito, e revelar apenas aqui e ali.»

O seu plano impressionou e convenceu, tanto assim, que os Serviços Culturais da Câmara, ao decidirem iniciar tão útil publicação, foi a Norberto de Araújo que a confiaram, e em boa hora o fizeram. Ele correspondeu inteiramente ao programa que havia concebido. Foi mais longe. Conseguiu dar ao Inventário a expressão e distribuição gráfica própria para uma obra de consulta rápida. É esse o seu grande mérito.

Norberto votava um grande amor às suas «Peregrinações» mas para nós, o Inventário é que é a sua grande obra lisiponense. Em público o afirmei por mais de uma vez e continuo persuadido de que na projecção dos tempos vindouros, que se não medem por anos mas por séculos, será o «Inventário de Norberto» a mais popular fonte de consulta.

Respeitando acima de tudo o plano do autor, respeitando a traça gráfica, mantendo a orientação histórica, Durval Pires de Lima acaba de dar uma grande prova de seriedade literária. E, sem adular nenhum destes factores não caberia dentro do «plano primitivamente estabelecido» dar ao Inventário maior elasticidade de que a prevista no sumário de 1944?

O próprio autor, com o andar do tempo-também assim procedeu. O programa inicial previa dois fascículos para palácios, nacionais, municipais e particulares. No entanto Norberto consagrou a este capítulo nada menos que sete fascículos (de III a IX), com um desdobramento do fascículo v em colaboração com Pastor de Macedo, dedicado exclusivamente às Casas da Câmara.

Portanto o precedente ficou aberto e o Dr. Lopes Dias «solicita Mãe do Inven-

tário» não deixará decerto de sancionar tudo quanto possa contribuir para valorizar esta preciosa herança que um grande lisboeta legou à sua Pátria.

H. R.

Outra Vez o Castelo

A reconstituição deste antigo e tão venerado monumento foi uma obra nunca assaz elogiada. O arranjo vegetal imediato, encontrou no Eng. Silva Pulido Garcia um fervoroso apaixonado que lhe dedica os maiores desvelos. Sem dúvida o Castelo de S. Jorge é cada vez mais uma atracção turística, mas afinal quer queiramos quer não queiramos, está fora de mão. Não sendo longe do centro da cidade, não está acessível, mesmo de automóvel.

No Castelo mourisco e Paço de Alcáçova estão escritas emocionantes páginas da história pátria. Tudo quanto se faça para estimular a frequência deste monumento, para o tornar conhecido do povo, é acto meritório.

Assim, parece que se impõe facilitar os seus meios de comunicação com a Baixa. Como? Não vemos outro meio que não seja o elevador. A ideia nem é original nem é nova. Agora que estão em começo as obras na Praça D. João I, não será o momento oportuno para estudar a questão?

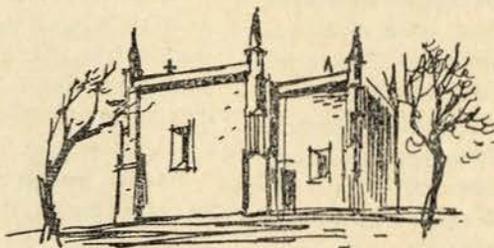
H. R.

Hospital de Todos os Santos

Relação das lápides de domimi (S)
existentes em 1944 em Lisboa,
encontradas por E. Portugal

Calçada dos Cavaleiros, 76	1
Rua do Terreirinho, 10, 28, 42 e entre 66/68	4
Rua do Terreirinho, 47	1

Beco das Olarias (Recanto no Largo)	1	Rua do Paraíso, 43, 47, 51 e 53	4
Largo das Olarias, 65... ..	1	Calçada do Forte, 20	1
Rua das Olarias, 3, 17, 29, 43	4	Rua de S. Pedro, 11, 19	2
Rua das Olarias, 20, 30	2	Rua de S. Tomé, 42 (Prédio demolido em 1953)	1
Calçada Agostinho de Carvalho, 10, 12, 24	3	Rua de João Braz, 14 (ao Poço dos Negros)	1
Beco do Alegrete, 4 (desaparecido) ...	1	Rua Damasceno Monteiro, 48 (datada de 1760)	1
Calçada do Monte, 3, 7, 11	3	Existiu no Beco do Forno (Portas de	
Travessa dos Lagares, 17, 20, 29 ...	3		
Travessa do Terreirinho, 34	1	St.º Antão) um	Ⓢ
Rua do Benfornoso, 213 (azulejo), 217, 227	3		
Rua dos Remédios, entre 111 e 113	1		



LIVROS

EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



VÁRIA

PREÇOS

Sócios Público

Evocação do Café Martinho	esgotado	
Noite de evocação do Leão de Ouro	13\$50	15\$00
Urbanização de Lisboa	4\$50	5\$00
Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins	esgotado	
A Cor de Lisboa	13\$50	15\$00
Olisipos (alguns números esgotados) cada	18\$00	20\$00

EDUARDO NEVES

Ruínas do Carmo	esgotado	
Igreja da Penha de França	»	
Faculdade de Medicina	»	
Lisboa nos Ex-Libris	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos	»	
Do Sítio do Intendente	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa... ..	»	
Alocações	13\$50	15\$00

NORBERTO DE ARAÚJO

Pequena Monografia a S. Vicente	9\$00	10\$00
--	-------	--------

MÁRIO SAMPAIO RIBEIRO

Igreja da Conceição Velha... ..	esgotado	
A Igreja e o Convento da Graça	»	
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St. ^a Maria de Belém	45\$00	50\$00
Calçada da Ajuda	esgotado	

TINOP

Lisboa de Outrora, 1. ^o , 2. ^o e 3. ^o vols.... .. cada	13\$50	15\$00
---	--------	--------

LUIZ PASTOR DE MACEDO

A Baixa Pombalina	esgotado	
A Rua das Canastras	»	
Críticas, Corecções e aditamentos à «Lisboa de ontem e de Hoje» do Sr. Paulo Freire	»	
Notícias e registos curiosos extraídos dos livros paroquiais da da Freguesia da Sé	»	

ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão	13\$50	15\$00
O Campo de Santa Clara... ..	13\$50	15\$00
Ronda e Silva de Lisboa Velha	9\$00	10\$00
Bagatelas de tempo vário	9\$00	10\$00

ALFREDO DA CUNHA

Olisipo berço do periodismo português	13\$50	15\$00
--	--------	--------

A. VIEIRA DA SILVA

O Castelo de S. Jorge	13\$50	15\$00
A Ponte de Alcântara	13\$50	15\$00
Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa	13\$50	15\$00
Fantasia sobre a origem do nome de Lisboa	13\$50	15\$00

LUÍS MOITA

A Ermida de Santo Amaro... ..	esgotado	
-------------------------------	----------	--

F. A. GARCEZ TEIXEIRA

A Irmandade de S. Lucas	9\$00	10\$00
--------------------------------	-------	--------

RUY DE ANDRADE

Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina	9\$00	10\$00
---	-------	--------

FERREIRA DE ANDRADE

Relação das casas foreiras... ..	esgotado	
O Senado da Câmara e a Guerra Civil	>	
Três Touradas no Terreiro do Paço	>	
Palácios Reais de Lisboa	45\$00	50\$00
Do Convento de N. Senhora de Jesus	esgotado	
Guia Olisipo n.º 1 à 9, cada	7\$50	8\$00
Visite Lisboa	64\$00	70\$00
Vinte e cinco anos na vida duma capital	54\$00	60\$00

GILBERTO MONTEIRO

Esboço histórico do Hospital de Belém	18\$00	20\$00
--	--------	--------

AUGUSTO CASIMIRO

Lisboa Mourisca	18\$00	20\$00
------------------------	--------	--------

GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA

Auto de S. João	9\$00	10\$00
Lisboa (Comédia)	18\$00	20\$00

HENRIQUE LINHARES DE LIMA

Vultos e sombras medievais	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

HUGO RAPOSO		
Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
JOAQUIM ROQUE DA FONSECA		
A Urbanização de Lisboa	18\$50	15\$00
JULIETA FERRÃO		
Lisboa 1870	9\$00	10\$00
LUÍS TRINDADE		
Janelas de Alfama	18\$00	20\$00
J. S. VIEIRA		
O Convento dos Marianos		esgotado
RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ		
Subsídios para Heraldica Tumular Moderna olisiponense... .. .	45\$00	50\$00
MÁRIO COSTA		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas	18\$00	20\$00
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA		
Casas onde em Lisboa residiu Almeida Garrett... .. .		esgotado
LUÍS TEIXEIRA		
O «Diário de Notícias» no Século XIX	4\$50	5\$00
MANUEL VICENTE MOREIRA		
Jardins de Lisboa e Porto		esgotado
O Problema da Habitação	27\$00	30\$00
JOSÉ SEBASTIÃO SALDANHA OLIVEIRA E DAUNS		
Relação histórica (resumida) das cavalladas do Terreiro Real que se fez na Corte da cidade de Lisboa em 1795		esgotado
ROBERTO DIAS COSTA		
A Paroquial de S. Jorge de Arroios	9\$00	10\$00

Porcelanas da
VISTA ALEGRE

*Há já seis gerações que
os lisboetas as apreciam*

Largo do Chiado, 18 — LISBOA

E. Pinto Basto & C.^a, Lda.

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS,
ETC., ETC.

No Porto:

Kendall, Pinto Basto & C.^a, Lda.



COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

Grandes e pequenas quantidades

LIVRARIA GARRETT • Rua Garrett, 36 — LISBOA

PÉROLA DO ROSSIO

L I M I T A D A

Tel. 20744

Rossio, 105

LISBOA

CASA ESPECIALIZADA EM CHÁ, CAFÉ,
BOLACHAS, BOMBONS E CHOCOLATES

ENVIO DE ENCOMENDAS, PARA
TODO O PAIS E ESTRANGEIRO

Amigos de Lisboa:

Prefiram para os vossos
contratos a conhecida Com-
panhia Inglesa de Seguros

LEGAL & GENERAL

QUE REPRESENTA
UMA GARANTIA DE
**200 MILHÕES
DE LIBRAS**

Rua da Madalena, 80-1.º — LISBOA

A' venda nas Livrarias:

GENTE QUE PASSA

Crónicas por
FOLGADO DA SILVEIRA

DEPOSITARIO
José Francisco d'Oliveira
Praça da Figueira, 5-1.º, E.
Telefone 29635
LISBOA

Todos os tabacos da

Companhia Portuguesa de Tabacos

VIC - TIP TOP - SPORTING - TAGUS
PROVISÓRIOS - AVIZ - FRANCÊS - SUPERIOR

são fabricados pelos processos mais modernos, com tabacos escolhidos das melhores procedências

CASA AFRICANA

●
PREÇOS FIXOS
E MARCADOS
EM TODOS OS
ARTIGOS

•
ON PARLE
FRANÇAIS

•
ENGLISH
SPOKEN

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●
Rua Augusta, 161 - Telef. 2 42 64-65 P. B. X.
LISBOA

Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.
PORTO

SENA SUGAR ESTATES, LTD.

Plantações e Fábricas de Açúcar em

LUABO

e

MARROMEU

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

●

Companhia de Diamantes
de
ANGOLA
(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00



Pesquisa e extração de diamantes
na
PROVÍNCIA DE ANGOLA
em regime de exclusivo



Sede Social: LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12, 2.º - Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

Com. Ernesto de Vilhena

Vice-Presidente

Com. Alvaro Morna

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

Mr. Firmin Van Brée



DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

Eng. Rolando Sucena Baptista de Sousa

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

Dr. Silvio Guimarães

SOCIEDADE GERAL

DE

COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES

LISBOA

Carga e Expediente:

LISBOA – Rua do Comércio, 39
Telef. 26314/5

PORTO – Rua Sá da Bandeira, 82
Telef. 27363

Frota

	TON.		TON.		TON.
n/m «Africa Ocidental»	1.560	n/m «Arroios»	9.558	n/m «Covilhã»	1.376
n/m «Alcobaça»	9.588	n/m «Belas»	7.259	n/v «Cunene»	9.800
n/v «Alcoutim»	10.520	n/m «Borba»	7.259	n/v «Foca»	2.060
n/m «Alenquer»	9.588	n/m «Braga»	7.224	n/v «Inhambane»	9.619
n/m «Alexandre Silva»	3.215	n/m «Bragança»	7.224	n/v «Luso»	10.125
n/m «Alferrarede»	2.118	n/m «Cartaxo»	1.376	n/m «Manuel Alfredo»	3.600
n/m «Alfredo da Silva»	3.643	n/m «Colares»	1.376	n/v «Maria Amélia»	3.005
n/m «Almeirim»	9.588	n/m «Conceição Maria»	2.974	n/v «Mello»	6.253
n/m «Almante»	12.600	n/m «Coruche»	1.376	n/v «Mirandela»	8.280
n/m «Abrizete»	9.245	n/v «Costeiro»	900	n/m «Rita Maria»	3.458
n/m «Ana Mafalda»	3.643	n/m «Costeiro Terceiro»	1.426	n/v «São Macário»	1.221
n/m «Andulo»	9.245			n/v «Saudades»	6.430
n/m «António Carlos»	2.974			n/v «Zé Manel»	1.240

Total 201.982 Ton.

7 Rebecadores
5 Lanchas a Motor
33 Batelões
25 Fragatas
1 Barca de Água
1 Draga e 5 Batelões de dragadas

Em construção nos Estaleiros da C. U. F.

4 navios motores para serviço costeiro de 800 T. com motores de 650 HP.
2 navios para o serviço de cabotagem em Cabo Verde e para transporte de passageiros de 320 T. e 500 HP.

CARREIRAS REGULARES:

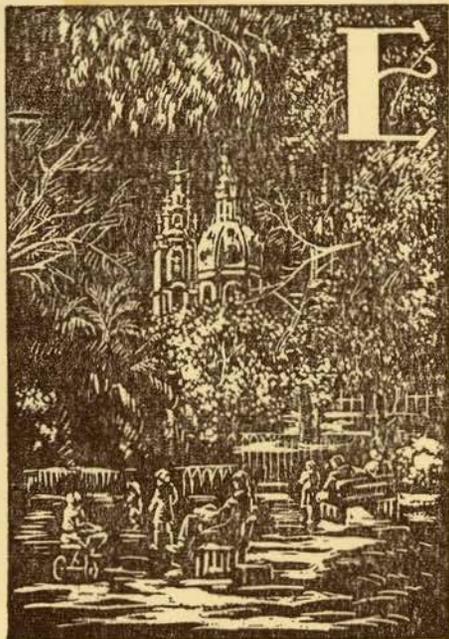
NORTE DA EUROPA / S. TOMÉ E PRÍNCIPE, MATADI E ANGOLA.
METRÓPOLE / S. TOMÉ E PRÍNCIPE E ANGOLA. METRÓPOLE / CABO VERDE E GUINÉ. ANVERS / PORTUGAL

SERVIÇO PERMANENTE:

TRANSPORTE DE FOSFATOS DO NORTE DE ÁFRICA E PIRITES DO POMARAO

TRAMPING – CONSIGNAÇÕES – TRÂNSITOS
SERVIÇO DE REBOQUES FLUVIAIS E DO ALTO MAR
LANCHAS – FRAGATAS – BATELÕES

A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal e nos Estaleiros da Companhia União Fabril, no Barreiro e em Lisboa



ESTRELA



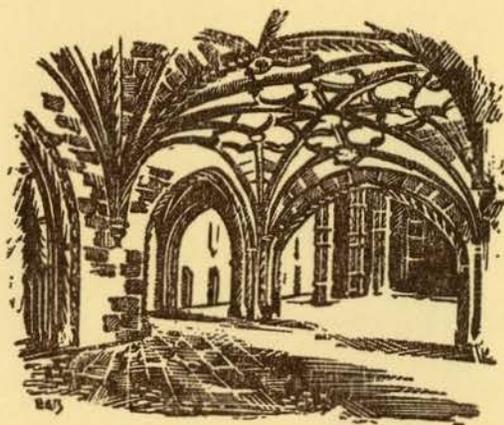
bairro da Estrela, numa das colinas de Lisboa, tem um certo ar de mundo à parte, com fronteiras bem definidas dos outros bairros que o rodeiam.

Dir-se-ia um oásis de socego, nesta cidade alegre e buliçosa, que todos os dias cresce, sem pedir licença a ninguém.

O seu maravilhoso jardim, o de Guerra Junqueiro, a que o povo, teimosamente, continua a chamar Jardim da Estrela, é um verdadeiro paraíso, onde não faltam árvores, flores, grutas, lagos e recantos para repouso do corpo e do espírito.

A Basílica da Estrela — com o seu alto zimbório, onde se pode subir para admirar um vastíssimo panorama de Lisboa, e um presépio monumental com encantadoras figurinhas esculpidas por Machado de Castro — é outro motivo que classifica este bairro como um dos mais interessantes da capital. Percorrê-lo, lentamente, é um delicioso passeio que sinceramente recomendamos a quem deseje conhecer esta cidade num dos seus aspectos mais socegados e tranquilos.

Servem este bairro os «eléctricos» das carreiras 25, 26 e 28; e os autocarros das carreiras 9, 13 e 22.



TOSSE ?



HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL